

# REPORTAGEM

REPORTAGEM  
SEMANARIO  
DE  
REPORTAGENS  
ESCRITORIA  
RUA DO ARIARIS, 3, 3.<sup>o</sup>  
LISBOA

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

13 de Setembro de 1930

Numero 6



Uma reportagem ás «seitas» políticas e religiosas de Portugal—Ler no interior: «Venham nomes!»; «O misterioso marquez»; «O Amor de Perdição» real em Aveiro»; «O Bairro Chinês em Lisboa», etc., etc.

RETRATOS · ESBOÇO ·

ALTA NOVIDADE

# FOTOGRAFIA MODERNA

DE  
J. MONTEIRO

RUA SÁ DA BANDEIRA, 181  
PORTO

TRABALHOS D'ARTE  
Ampliações e reproduções em todos os tamanhos

## «REPORTER X»

Encontram-se esgotados quasi todos os números do REPORTER X até hoje publicados. Do primeiro numero, principalmente, do qual fizemos menor tiragem por não esperarmos que o acolhimento publico constituisse um êxito tão retumbante, não resta um único exemplar.

No entanto, os pedidos dêsse número e dos seguintes são constantes e incontáveis por todo o país. Para fazermos uma idea aproximada da quantidade de exemplares necessaria para satisfazer todos os leitores que os desejam, rogamos a fineza de endereçarem todos os pedidos directamente à nossa sede no

**ROCIO 3, 3.º — LISBOA**

ou para a nossa delegação

**CANCELA VELHA, 39 — PORTO**

### EMPRESA DE TRANSPORTES DE MERCADORIAS, L.<sup>da</sup>

LISBOA: Largo 20 d'Ab'el, 5  
PORTO: Rua do Rosarios, 294,

— Telefone Belem 520 —  
— Telefone 5298 —

Camionagem de longo curso--LISBOA-PORTO e vice-versa  
**DOMICILIO A DOMICILIO**

**PREÇOS**

40 centavos por Kilograma. Lisboa-Porto em vice-versa.—Preços especites para cargas completas—3.000 Kilogramas.  
Rapidez de condução - Baixo preço de Tarifas--Simplificação de formalidades.

# Homens & Factos do Dia



## A mentira do jôgo

**Esercem-me:** «O jôgo é um dos apocalipses da humanidade, que domado durante anos, ressurge à sucapa e recomeça a deslendar os seus tentáculos, cantelosamente, secretamente. Em Lisboa, no Porto... e na Provincia, os «comboios» multiplicam-se... os «correteiros» já cochicham desafios aos onvidos dos «viaciados» regebrados e reconduzem-nos ao inferno ocultas roletas. O mais evidente sintoma que o jôgo renasce é a frequencia dos suicidios e dos desfalques epidemicos, que os jornaes noticiam a diario. O «Reporter» desasombrou sempre a atacar o mal que abrir uma lacuna sobre este assunto — a não ser que abra excepção etc. Assim o colunario informador que, se não lhe fizer o gostinho ao dedo — sabe das com que ocultas intenções — é porque tu vendido aos... «comboios». É um truc, magnifico esse de amarrar um realista à nôra do que nos apetece — ameaças de «pensar» que se nos recusamos a fazer o seu jôgo é porque... nos mudamos. Mas como em son dos que nem preço de uma boa repatação se vendem declaro, em voz de baritono, ao casallhei-me que me escreve que o jôgo só me interessa como material de observação, reporem de tipos, e de martingala, de combições pitorescas, de «stock» de assuntos e nada mais. A quem é que o jôgo teaca? A mim não, que nunca joguei em o «barro» em familia — que é uma bela discreta ocasião de sermos sinceramente rros. Ao povo, ao operário tambem não! sem joga, pois? Os que teem dinheiro pra isso. E se o teem e o põem a girar melhor, visto que o grande mal deste é a apalada do dinheiro. Os que não teem dinheiro e o roubam para jogar — e por são ladrões e tambem não me interessam. Os que se suicidam — é porque estão a mais na humanidade. Mas além disso, existe o axarôjo sentimental e piedessas acusações. Posta de parle a tua daquelas para quem o jôgo consiste, de facto, um perigo — os rcos e o peço do jôgo serviu durante muitos anos a descalpar os que escamoteavam dinheiro alheio e que depois, para serem rdoados, diziam: «Foi o maldito jôgo e me perdeu!» Uma vez fui apresentado um sujeito cuja profissão ignorava e quiz conhecer-me para me mostrar uns documentos. Esses «documentos» eram o «dossier» de dono de club. O que eu em cartas e rales, santo Deus! Quanta de civia de ser victima do jôgo. Mas de a a papelada a que mais me interessou foi a de um alto funcionario e deputado tarcamo em 1925 em que se escrevera seguinte: «Fiz um desfalque de 25.000

escudos na minha repartição. Preciso de 20.000 até sabado. Se não me empresar declararem que foi a roleta que me levou a essa loucura e o senhor terá uma nova campanha contra o seu negociô». O jôgo está regulamentado ha tres anos, se não erro. Sargiram, ereio, ultimamente uns «comboios» insignificantes. Mas até ha pouco só se jogava nas zonas. Por que razão os desfalques continuaram?

## Os ricos pobres e os pobres ricos

O caso de José Rito que Mário Domingues tratou com a sua habitual mestria de grande reporter moderno no ultimo número é um simbolo. José Rito bom chefe de familia, pessoa bondosa, generosa, empreendedora, bom amigo, esmolero — escamoteou quasi 5000 contos. Foi para jogar? Não. Foi para ser rico. E' que existem individuos que são victimas de um equivooco de nascimento.



Nasceram, de facto, para miliondrios. Mas por um enyano de do ventre são pobres — e não se resignam. Roubam, por imposição do destino. Enriquecem porqesabem que deviam ser ricos; e sendo ricos cumprem admiravelmente a sua missão, fazendo tôdo o bem possivel; agitando, com grande vantagem colectiva a fortuna legalmente constituida, criando iniciativas, dando trabalho a muita gente, fazendo o que os rcos legítimos não fazem. Altes Reis e os outros sócios — tambem tinham nascido para ricos e como tal gastavam. A' sua volta havia um ambiente de bem estar gozado por todos quanto dêles se aproximavam. O comercio, a industria progrediam... Em compensação muitos outros, os que não necessitam de fazer desfalques nem roubos para enriquecer porque herdaram fortunas imensas — nasceram para pobres; e como tal vivem e gastam, incapazes de um gesto generoso, de uma iniciativa grandiosa, da criação de uma industria — sempre oprimidos numa avareza mesquinha, paralisando o diuheiro — e ficando pobres sendo ricos...

## O casaco de peles de madame Zucca

Por absoluta falta de espaço REPORTER X é forçado a adiar para o proximo numero a publicação do capitulo intitulado «O casaco de peles de madame Zucca» da «Reportagem ás Avenidas».

Semandrio de grandes reportagens e de critica a todos os acontecimentos sensacionais de Portugal e Estrangeiro...

Sai nos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o paiz

DIRECTOR:  
**REYNALDO FERREIRA** (Reporter X)  
Director-gerente, Administrador e Editor:  
**Angelo de Azevedo Ferreira**  
Chefe da Redacção:  
**Mário Domingues**

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

Redacção, Administração, Publicidade e Officinas  
Rocio, 3 (Tel: Tripl. 404) Lisboa  
Caneia Valsa, 39 (tel. 1058) Porto

**PREÇOS DAS ASSINATURAS**

|                                 |              |
|---------------------------------|--------------|
| 3 meses — série de 12 numeros — | Esc. 11850   |
| 6 " " " " " " " " " " " "       | — Esc. 23500 |
| 12 " " " " " " " " " " " "      | — Esc. 46500 |

E' ou não é assim, senhores? E se é — porque razão me hei-de calar?

## UM OLHAR PERIGOSO

«Esta» não vem de New-York... E' datada de Varsóvia — pequissima capital europaea — e assignada pelo Jean Ribaud — o correspondente do «Matin» e que, como Washington 'nunca mentiu». Conta o seguinte: Ivan Tolbuck, o «rei dos magnetoadores» popularizado em todos os cartazes de «music hall» onde apparece de casaca azul, o pelto constelado de condecorações vermelhas e amarelas e com zig-zags verdes a irradiarem das pupilas dilatadas; Tolbuck que já trabalhou em Lisboa e no Porto — gozava muita ferial, instalado no rez-do-chão dum hotel da provincia, na Alimia. Ao anoitecer de 23 de agosto veiu debruçar-se à janela, pensando talve escanografiar um «decor» para o seu numero sobre a inspiração da paisagem que o luar pincelava de platinas fosforescentes. Subito sentiu colado ao peito o anel duma pistola... «Se dá alarme — morres!» Dois meliantes atraidos pela fama — e proveito — do ricao do artista assaltavam-no, pulando para dentro da alcova e levando-o à sua frente sob a ameaça duma bala. E enquanto um dos larapios o mantinha contra uma parede, de pistola aperrada — o outro ia embolsando todos os valores que encontrava. Mas ao terminar a fama, viu, com pasmo, que o camarada se esperçava de pernas abertas em compasso e olhos inexpresivos, e que a «victima», apesando-se da arma o ameaçava agora com o eterno «mão ao alto!». Em vilo o segundo meliante insultava o comprehensor pela sua apstia. «Atrira, te a ele, palermal para que deixaste tirar te a pistola?» Mas o outro não saia da sua imolidade. E' que tinha cometido a imprudencia de fixar Tolbuck na a olibria, e este usando dos seus profissionaes fluidos de fazer «setador, hipnotisar-o, desarmar-o — e tranquilamente dominou o segundo, entregando-o à policia».

Possuir um olhar como Tolbuck é uma defeza superior a uma metralhadora. Um duelo ou uma scena de pugilato entre hipnotisadores — deve ser algo semelhante a um jôgo do «siado»



## HUMORISMO MACABRO

Dicase-se humorismo, muito a sério, nas gacetitas mais sôzias da França e da Inglaterra. Repete-se, em varios estilos e tons, aquele velho lugar-comum: «Fazer rir representa um talento mais raro e útil do que o de escrever os lacrimaes albeios com o amolado das tragedias.» Mas este lugar-comum evoluiu muito desde as zomedias pregas até aos nossos dias passando pelo espelho côncavo, imoldeoso justo de Mollere, por Quevedo—o «quiltote» al proprio—e estacionando na graciosa de bom humor mais sem intellectualidade de que as ames nas bregrêrias de Paul Kork foram o simbolo no seculo XIX: No nosso século a arte de fazer rir parecia resignada a extinguir-se, julgando-se esgotada e sem elasticidade para se estilar em ritmo com as outras artes. Re-agiram os anglo-saxões fazendo do seu «meio sala» uma escola—o humorismo. O velho «Punch» moltenisae «Tilt»; «Briders»; Mark-Twain, na América; e outros contistas e caricaturistas entusiasmam-se com «bu merismo» onde o «aljeio» grosseiro e ridiculo brutal a graciosa passam á insinuação, fazendo sorrir pelo imprevisito do «bnsal» levado ao inverosimil e narrado ou desenhado com gravidade. Vem revoada do «humorisno-macabro». Mark Twain inaugura o pegando naquel fantasia que é a unica fonte de receita dum villa Inglesa, atraido caravanas diarias de turistas. Trata-se da alma penada de um fidalgoo morto há 400 anos e que se exhibe de noite, va gueando pelos telhados ante a multidão dos fo- rasteleros. Mas nessa villa existe um professor; manico pela filosofia que consegue uma noite auto-hipnotisar-se frente ao espelho, fazendo com que a alma, provisória e conscientemente abandone o seu livo uero carnal. Mas eis que o fantasma do velho fidalgoo espregta aquela oportunidade e apossa-se e instala-se no corpo do professor: quando este, findo o passeio pelo éter, regressa ao corpo—encontra-o occupado. «Não penses que to vou restituir-lhe cêdo»—avisa o fidalgoo ante as lamentações da alma desencarnada do professor. Ando há 4 seculos a frito, á chuva, ao vento, á neve e não sou tão tolo que vá perder um corpinho como êste, que me fica a matar parecendo feito á minha medi-

da! Mas ante o pranto da alma do professor o fidalgoo promete deixá-lo ressezar a vez por outra. «Está bem...»—lamurava o expulprado—mas se menos trate o meu rico corpinho como se fosse seu, Não lhe dê sicolco que lhe fez mal ao fidalgoo. Nem carne que o medico yrebita. E tome nota: o meu corpo está acomodado a uma zemedá de toda a natureza. Ah! E' verdade! Não se esqueça de purgar uma vez por mês...»

Os outros humoristas aproveitaram o fillio dos espiritos das almas penadas iniciado por Mark Twain para posseuir pelo «humorisno macabro». Até Oscar Wilde, o esteto, desceu ao plebeismo de um conto humoristico, com fantasmas. Apresenta nos um velho Castelo da Escossia, sem comprador possível, porque a alma penada do seu fundador não deixa os herdeiros vende-lo a estranhos. Uma familia norte-americana ultra-pratica, super-felis e arquea enche os hombros ante os avisos dos vizinhos e compra o castello. Logo na primeira creia o fantasma entra no salão, bufando colera e esganchando oleos agoniantes na sopa. «Leva a prta, brrax ou limpo e diz «o fantasma» que não srja peralhado ou ordenado o chefe da cozinha. De madrugada o fantasma começa a arrastar correntes de ferro, a mstraquear nas portas, a estillar as janelas, numa barulheira infernal. O americano sai do quarto, enlaça o braço no do fantasma e levandoo para as sacas, aconselha-o: «O meu amigo fica aqui a estudar, pratica o seu sport e não nos incomode que queremos dormir!» O fantasma está desorientado e enraivecido por não conseguir aterrorizar aquela gente. Prepara nova tropellas quando a ranchada dos filhos do americano dão com ele—e a partir dessa hora o pobre fantasma não conhece mais repouso. A petrada cerco-o, puxa-lhe pelo balandru, pisalhe os calos, fa-lo cair com contiuas rasteiras—até que o ex-caltado, maldizendo a sua sorte, supplica aos americanos que lhe arranjam um sítio onde ele possa viver desancado. O conheço dez, quinze contos herolificados por fantasmas—alongando-se a galeria do «humorisno macabro» até á guerra. Mas o post-guerra pondoo no «index» todo o passado literario reformado por completo e o humorismo, as bem quem se atribui a sua origem, dá um palhaço. «A Charles Chaplin—o «Charlot»...



Cami

sia do sonho que piedosamente o enganava, ver não como ele é mas como ele quer ser. E por isso, sofrida a má de um desalio, aspanja que as galinhas, espincoia, e os embros, faz girar a bengalhinha e contoe seu lindavelo calvario—tão puro, tão útil, tão pronto a amar, a pirdoar, a deixar-se e robar pelos outros—como na vesp-ração humana, tão profunda, tão rica de mento—é forçosamente uma alma e umes. Os humoristas inte-ctuais modernos es- nelle a sua escola. A arte de Charlot encaixa a sua compunente tragica faz rir até á mas as multidões. Ora fazer rir e o primio ver dum humorista; impedir ao público odrama humano, apanxando-o, incoelando a «verdade» é o primeiro dever de t. d. y listas e de todos os escritores. Portanto a de Charlot é a verdadeira escola. E se não a reiem é porque as multões são postas dos miseraveis que, em filmes, o e se riem d'ele. Se os intellectuaes e os se comoveram pela arte de Charlot é no fundo de todos nós, grandes se existe um Charlot, que soize, e chora o como Charlot.

## A TRAGICA MENTIRA DE CHARLOT

Gomez de la Serna escreveu algures: «Charlot, a expressão maxima de todas as artes.» O desengonçado Charlot, ridiculo tragico, figura que se encruvava facilmente na obra «As kpearanas» criou o sin bólo humoristico, geral e triste, de todos os martires modernos. Charlot esculpiu em caricatura no proprio corpo aquelles individuos bondosos, generosos, sentimentals, intelligentes, capazes de uma grande obra que fionham com o trito e o chamam di- rillo mas que são eternamente fracassados. Ellos-mas com todas as venturas: ser elegante (o buço, o chapau de côco cebeito mas posto á moda, a bengalhinha saltitante, o fraque, o colarinho, os gestos); amar e ser amado por uma belida (Charlot em todos os filmes é leal, sincero, ardente nas suas paixões); enriquecer (Charlot, em todos os filmes quer trabalhar, tem ideias, é activo, procura vencer); conquistar uma situação brilhante... Mas o que é sempre o despertar desse sonho? Os outros riem-se da sua roupagem de maltrapalho pretençoso; as mulheres burulam-no e traem-no com o primio-rio miseravel que apenas as cubica por um capricho; os patrões, os socios, os colaboradores m-enem-lhe, «xplio a—so, roubam-no; e por ultimo é sempre expulso, ridicularizado, espancado, maltratado. E porquê? Porque Charlot não cre no mal; porque Chr ot é um timido; não sabe ousar, não sabe imporse; no fundo das basófilas do seu sonho tem a consciencia dessa timidez e desse ridiculo; apouca-se; desiste; deixa-se vencer... E então, solitario, procura viver, inventa «strucc», «defensas» com o de das fatalidades continuas e da maldade; des- m-ahantes, contenta-se com o pouco que tem fe lueta entre a neurastenia da realidade, e temo-



Charlie Chaplin

## CAMI E CHARLOT

Existe na moderna literatura franco-humorista de génio que foi dos pri- «adivinharem» Charlot e a fazer humor- terario «charlotesco»: Cami. Cami é cam em Portuga! apenas por uma liantada faz que param á montra das livrarias, mas tram; que entram e compram; que con- lelem; Cami, possue, como Charlot, o dot- preender o ridiculo humano, do o pedia dilatar inverosimil, sem o alejar e de o com uma tal gravidade; que desmonta gramitico e equestre sísido. E' impassiva meia dúzia de linhas miniaturar sequia vastissima de Cami. Darei a prova de los dos seus romances mais m-lericos, guilhador da Torre Eiffel? «O fho e Mosqueteiros», «As Memórias do Padre O «Para ler na ducha» etc.—obras estas mesmo ilustra com präp caricatural lig inspirado nos «xps» de Chaplin—em- uma individualidade traço, de alta co- Mas se eu evocui Cami foi porque a «Litteraires», entrevistando Cami, no seu número, pelo seu notador Frederic li me tris uma revista curiosa: é que Cami lot são amigos intimos, dois irmãos, e que historia esse amizade. Orçim-no:

(Conclue na

# ⊙ advogado de Pita Soares fez preciosas declarações ao "Reporter X"

O réu não está completamente perdido—Recorreu-se para o Supremo Tribunal que só decidirá em Janeiro próximo—Soares estava embriagado quando cometeu a loucura que o perdeu

—Praticou dois assassinatos no mesmo momento e não um, como se julgava



Dr. Joseph Linhares, advogado de Pita Soares

REPORTER X que se empenhou em esclarecer o povo português acerca do caso Pita Soares, que está prendendo de todos os portugueses, encarregou o seu correspondente em Boston de entrevistar o sr. dr. Joseph Linhares, advogado de Joaquim Pita Soares que aguarda a execução da sentença de morte que impende sobre a sua cabeça.

A resposta que o Sr. Hoover, Presidente da República Americana deu ao Sr. General Carmona trouxe a to-

Cambridge, Mass. - 26 de Maio. O sr. dr. Joseph Linhares, advogado de Pita Soares, que está prestígio com o seu talento e a honrabilidade o nome do querido Portugal, recelando do seu escritório, em Cambridge Street 1348, com a amabilidade bem lusitana. Sabedor das nossas intenções, entrevistou-o para o Reporter X acerca do caso Pita Soares—teve para com o nosso as palavras de grande defensão, afirmando que admirava a coragem e o esforço por nós termos para bem informar o povo português e salvar o que se afogava.

Creio disse nos tele—que os nossos compatriotas estão informados acerca da questão Soares. Ele não está completamente perdido. No Tribunal Superior do Condado de Essex, Cambridge, Massachusetts, foi julgado em Maio corrente ano, tendo o júri, em 22 do mesmo mês, dado a provada a acusação que ele impendia, a de cometer dois crimes de assassinato das esposas de Angelina Rodrigues sua ex-namorada, e não que como parece ter-se julgado (nem Portugal) Matilde Silveira criança de 10 anos de idade que se achava em um navio, ao lado da primeira esposa, na ocasião do crime.

Mas em Portugal julga-

va-se que Pita Soares apenas havia morto uma pessoa—dissemos.

—Foi como lhe estou contando—prosseguiu o Dr. Joseph Linhares.—E em virtude da decisão dos jurados, imediatamente apelei para o Tribunal Supremo, ficando *ipso facto* suspensa a imposição da sentença de morte que sobre o réu impendia.

«O processo do apelo não deu ainda entrada no Supremo por não estarem ainda completos todos os documentos necessários, e ainda por serem actualmente as férias judiciais. Em Setembro reabre novamente o Tribunal, sendo então cumpridas todas as formalidades da lei, sendo o processo impresso, coisa que levará como se deve calcular, algum tempo, do forma que o Tribunal venha a ter conhecimento completo do apelo por alturas de Outubro, quando noutro.

—E quando se saberá a decisão do Supremo Tribunal?—perguntamos.

—Deve haver audiência em Novembro ou Dezembro, onde o Ministério Publico e a defesa dirão da sua justiça não se podendo, portanto, esperar decisão do Supremo antes de Janeiro do próximo ano. Se o Supremo confirmar a decisão do júri...

—Estará irremediavelmente perdido!—exclamamos.

O dr. Linhares fez com a

dos os que se interessam pelo destino do infeliz português um pouco de desanimo. Porém, a entrevista que o nosso correspondente acaba de nos remeter, e que hoje publicamos, esclarecendo pormenorizadamente o crime e a marcha do processo é como que um raio luminoso de esperança que penetra em todos os corações.

Pita Soares não está irremediavelmente perdido. Talvez mais um esforço dos portugueses consiga arredar para sempre o espectro ameaçador da morte.

cabeça um gesto de assentimento. Mas foi acrescentado, como se nos quizesse evitar uma dolorosa emoção:

—Como é da praxe que entre a imposição da sentença e a sua execução medeiem, pelo menos, dois meses, quer isto dizer que teremos então cerca de sessenta dias para trabalhar a fim de obter uma comutação da pena capital para prisão perpetua.

—Só altas influências poderão alcançar do governador de Massachusetts essa comutação de pena—lembrámos.

—Sim, só altas influências—concordou o illustre advogado.

—E' essa a altura do Presidente da Republica Portuguesa, pedir ao dos Estados Unidos que use da sua influencia junto do Governador do Estado. Antes dessa altura é extemporaneo, porque ainda não é o ultimo recurso. Seria como que preparar um funeral e chamar depois o medico para nos tratar.

—E o Supremo Tribunal...

—E' nelle que ponho todas as minhas esperanças, porque Pita Soares tem atenuantes a considerar.

—Quais são essas atenuantes?

—O crime foi cometido em circunstâncias excepcionais—afirmou convicto.

—Excepcionais?...

—Sim, excepcionais. Foi em um dia de festa, umas bodas. E apesar da lei séca...

—Comprendemos...

—A maior defeza de Pita Soares—afirmou o dr. Linhares—é a de estar embriagado quando cometeu o crime. Tal facto é uma circunstancia atenuante, mas em virtude da lei proibindo o uso, fabrico e venda de bebidas alcoholicas, as proprias testemunhas de defeza recusaram dizer que se havia bebido nessa festa, visto que tal declaração os incriminaria também.

«Este receio, o facto de ter sido atingida uma creança de 10 anos, de o crime ter sido cometido quando ainda estava em progresso uma festa nupcial, de a criança ser irmã da noiva e da ex-namorada do Soares ter sido madrinha do casamento, chamou contra o réu uma enorme má vontade por parte das testemunhas de accusação e fácil foi, portanto, a accusação explorar com estas circumstancias e impressionar o espirito dos jurados».

—Foi uma grande infelicidade—murmuramos contristados.

—Sim, foi uma terrivel infelicidade—confirmou tristemente o dr. Linhares.

E com estas palavras nos despediu.

Rogério Silos.





As linguagens abalísticas das seitas têm quasi todos a mesma origem

Falei há pouco, através das revelações de quem me visitou, das seitas financeiras, unificadas no Whitechapel financeiro. A parte as "seitas" financeiras—Portugal foi sempre viveiro de "seitas religiosas". A "Maçonaria", a "Carbonaria", os "Troles" de Coimbra, e outras de menor importância, importadas ou não, tiveram o início na mesma fonte, pelo menos, na "étape" Egípcia, guardando segredos de magia; mas logo se libertaram dessa feição tomando outra ou humanitária, ou social ou política—embora conservando alguns rituais primitivos. As seitas nitidamente religiosas, transformam-se, ocultam-se, fingem diluir-se para logo reaparecerem sob outros disfarces, conservando integros os seus princípios e os seus fins. Os "Templários" depois de dispersos em Portugal ressurgem na Alemanha sob o prestígio de Rosenkreuzen, a seita dos iluminados Rosa Cruz. (Mas não é a ordem deste nome na maçonaria: é na seita hermetica que guardou e guarda ainda os reservados segredos dos Rosa-Cruz.) Funda o seu saber na "aparência" química e eram os seus destinos—diziam—a busca da pedra filosofal. Isto, porém, por símbolos nos quais só poderá ler quem os souber e "puder". Pois bem os "Templários"—declarou Victor Guirry no seu último livro de ocultismo—existem ainda hoje em cinco países da Europa, totalizando os iniciados, em treze mil indivíduos; e entre esses cinco países—está Portugal. Temos a "Ordem de Avis" que na sua aparência católica era a base do "jancenisimo" seita que teve o mais forte apoio entre nós no Marquês de Pombal. Pasmam? É uma verdade pouco repetida—mas uma verdade. E é esta mesma a razão do "grande ministro" ter expulso os jesuítas que eram—e são—os maiores adversários do "jancenisimo". Gaspar de Lemos, que foi seu íntimo amigo, morreu nos cárceres da Junqueira, por ordem do ministro de D. José simplesmente por ter descoberto segredos que se encontram demonstrados em certa prateleira da Torre do Tombo. O arqueólogo Nogueira e Brito conhecem-os e poderá indicar qual é essa prateleira. E a ordem de Avis existe ainda entre nós, afirmou o mesmo ocultista francês. E acrescenta: "Sempre que virem uma igreja por-

tuguesa cujo altar seja cercado de grades—na vizinhança dessa igreja ramifica-se a seita". Um pormenor: em Lisboa só um altar existe nestas condições, que eu saiba: o da igreja de S. Domingos. A própria Maçonaria que dizem fundada quando do levantamento do Templo de Salomão, europeia se, forte e poderosa, em França quando se construiu a Notre Dame de Paris cujas pedras estão ainda marcadas com sinais maçônicos—predura em Portugal—embora, já o disse, com objectivos humanitários, e sociais absolutamente diferentes doutras. Mas enquanto não reunimos «dos sérs» mais completos sob a actual feição dessas velhas seitas religiosas em Portugal—denunciaremos a existência de outras mais modernas, mais modestas—mas nem por isso isentas de perigo para a sociedade.

#### A ESTRANHA FAMILIA DAS AMOREIRAS

...Confesso! Não quiz acreditar—por aquele fundo de vaidade, mul lusitana, de pretendermos possuir uma tão aguda espezteriza que nos sobreavisa á menor tentativa de logro. Mas como, simultaneamente a essa vaidade nata, a experiência e o bom senso me aconselha sem a não desprezar nunca uma informação, por muito inverosímil que seja—deixei-me conduzir, como um cego. "Ele" "sorrriu-se" do meu "sorriso" e continuou a insinuação:

—É preciso proceder com cautela—porque essa "gente" é maldade e assustadiça. São como os sacerdotes que um dia, numa revolta da carne ou da inteligência, esfarraparam a batina, lançando-as órtigas—mas que conservam a tonsura no alto da cabeça e... na alma, num mixto de arrependimento, de fraqueza que os impossibilita de regressarem ao altar e de terror pelo castigo de lém-túmulo. É que a es-écacia do fanatismo, uma vez projectada intoxica irremediavelmente os indivíduos—mesmo quando reagem e julgam libertar-se. As pessoas que tu vais conhecer também tiveram a utopia da evasão—e por isso se

## Milérios do P O Segrêdo das

O PASSADO: Dos «Templários de Pombal, a Orde

DO PRESENTE: «Os amputados».—A exranl ex-padre Silveira.—O templo.—Os «mormon Torres Vedras.—A

surpeltassem, mesmo ao de leve, que a tua visita la recordar-lhes o estigma eterno do seu sacerdotio abdicado, escapar-nos iam para sempre como quem foge de um ferro em brasa—o ferrêdo do seu terror... Héépel! "chauffeur": vamos à Amoreiras. Chegando ao jardim páre".

O taxi rodou Avenida acima numa velocidade que parecia inflamar os metálicos bronques do motor, provocando-lhe uma constante tosse asmática.

Tínhamos jntido no "Leão". Ferreira Gomes, chefe redactorial do "Noticias Ilustrado", Mario Domingues, Dr. Castro Novais, advogado, Artur Levy e eu. Artur Levy, da mesma geração do Colégio Francês de onde saíram António Ferro, Augusto Cunha e todos os cidadãos comensais do "Leão d'Ouro", era o unico do curso que não viera para o j rnalismo. Oficial de marinha mercante, variava constantemente de vapor e companhia, numa ánsia impaciente de novos portos, de novas terras, de novas emoções. Paltrara toda a refeição e após a narrativa de um encontro com António Ferro em New York—fixou o motivo da conversa no "Lago Salgado", nos "Mormons", em seitas. Ferreira Gomes, erudito teórico na matéria, replica, esclarecendo-nos sobre as origens das mais famosas seitas do Oriente, com reflexos em Portugal. Findo o café, todos partilham. Ficando só comigo Levy evocava um episódio tão pouco banal que eu, para o aceitar como verídico teria de o situar na Ásia ou nesse "music-hall" do Inverosímil que é a América do Norte. Mas Levy, arriscando-se á minha incredulidade, tinha em colacá-lo em plena Lisboa, a dois passos da Baixa, no pacato e silencioso bairro das Amoreiras.

O auto parára junto aos arcos. O meu companheiro mandou o esperar e atravessando o jardim, calcerramos uma rua mal iluminada mas de prédios mais claros, bem calados e limpos, parando frente a uma janela do rez do chão em cujas persianas vermelhas êle pláparoteou, no mesmo ritmo de quem rufasse num tambor. Alguém espreitou por entre cortinas e logo varias vozes exclamaram: "É o Artur! Ah! O Artur! Vai abrir ao Artur. Que entre". Mas Artur prevenindo que vinha acompanhado metamorfoseou o alvoroço num silêncio súbito. Foi preciso acrescentar que era "um amigo de toda a confiança" para que de novo as animassem, apressando-se e abrindo

a port. Entramos para uma saleta. Movei, "crochets", bugingangas, um cadleiro de petróleo. Scenário que la quarenta anos mereceria elogio. Em 1930 revelava uma modestidade mas de mau gosto e retrograd. A familia compunha-se de três mulheres: uma cincoentona que enpastava as faces, raladas de rugas, com um pó d'arroz cor de rosa, pintando os olhos, os cabelos e os ábios—e duas filhas de vinte e tal ábios, dum encanto vulgar, de exagerada pollicrmita na maquilhagem que as tornava algo sem lhan-



Uma revelação macabra: uma mulher da seita dos dec dentes, cujos seios foram sacrificados

tes as "trotuses" dos bairros suspetos.

Levy gozava de grande intimidade e confiança. Beijou-as a todas, mandou abrir uma garrafa de vinho do Porto; pôs a fugar "Blue-Blue" um velho gramofone, bailando ora com a mãe, ora com as filhas e convidando-me a imitá-lo. Num curto instante em que a mãe e uma filha iam buscar uns bolos e outra mudava de disco, Levy segredou-me: "Então? Já te certificaste? Não? Porque esperas?... Fá lo em qualquer delas—mas com prudencia... Que não vejam o gesto—porque "não o vendo... não o sentem!"

Quiz ser prudente—mas fui "gauch" desageitado... Artificialisando a «confiança» que me ofereceram, no momento de enlaçar uma das filhas para dançar um tango, fiz a experiencia... O busto das três era aéreo e de volumoso seio. O da mais nova exhibia até uma firmeza e uma linha modelares; mas bastou que as minhas mãos roçassem para que... os seios se desloassem quasi como caindo, dentro da blusa, para a cintura e deixando liso o peito.

Reviravolteou-se a mim, deslanchando-se de mim num gesto de muita cólera; as faces a esmerleataram-se, as narinas e os olhos dilatados; e cruzando os braços, numa

rtugal moderno

## Seitas religiosas

à Ordem de Aviz.—O Marquês d'Aviz e os jesuítas

familla das Amoreiras.—O "santinho"—O de Manares.—Seita ou negocio?—A Quinta de queixas do senhorio

peto Reporter X

inútil tentativa de me ocultar a tristeza em que o seu corpo se encontrava agora, desalvorou, di saleta. A irmã, mui pálida, seguia-me; e a mãe gingando, de braços anforados e depois de me ter lançado um olhar de fúria, disse para Levy: «Admirame que tu, Artur, tenhas trazido contigo este cavalheiro... Nem toda a gente sabe cômpreedêr o "à vontade" e a "alegria" das pequenas—e naturalmente o teu amigo julgou que eram pouco mais ou menos". Percebi a tática da mãe. Procurava classificar o mau gesto em "atrevisamento" e assim fazer me esquecer ou duvidar sobre a evidência do que constatava: que a filha estava totalmente mutilada no mais carinhoso encanto feminino...

Levy e eu esboçamos umas desculpas. As raparigas não regressaram á saleta. Cinco minutos depois despedimo-nos e abalavamos; e uma vez na rua o meu companheiro explicou-me o segredo daquela familia de três mulheres cujos seios tinham sido cortados em todas elas...

#### OS SEIOS AMPUTADOS

—Conheci-as há mais de dez ábios, numa das minhas primeiras viagens, á America do Sul. A mãe cujo passado era não só dos meus castos como de s mais repugnantes—traficara com carne branca depois de ter rolado pelos braços de dezenas de homens—montara uma pensão em Buenos-Ayres. Hospedou-se nessa penão um português ex padre católico e que, segundo dizia viajava "em missão". Que missão era a sua vi to que se devorciara do catolicismo e não entrara em nenhum dos grêmios dissidentes conhecidos—dos protestantes, dos "novos-jesuítas" ou "novos-ortodoxos"? Durante todo o dia êsse ex-padre católico—não sei que Silveira—era visitado por indivíduos de ambos os sexos—mas principalmente mulheres—com elas se fechava horas e horas. Pouco a pouco Silveira dominava a mãe e dominava as filhas. No intervalo entre duas viagens elas desapareceram da Argentina, trespassando a pensão e levando tudo quanto possuíam. Que tinham vindo para P.rtugal... com o sr. Silveira. Mais tarde encontro as três, todas de negro, sem uma pincelada na cara, de olhos baixos, palidas, as sustadas, fingindo que não viam. Apresentavam em contraste com o "ar suspeito" que eu lhes conhecera, o aspecto de beatas ressequidas pelas longas permanencias nas igrejas e todos os excessos religiosos. Mal me cumprimentaram. Em 1926 o ex-

me receber. Esse livro era uma espécie de "caticismo" dos "novos ortodoxos mascovitas"—dissidentes dos ortodoxos russos, fanaticos entregues por completo á penitencia pelo pecado original e cujo batismo é o de cortar os seios ás mulheres e esterilisar os homens como homens. O ex padre Silveira era um louco. No caticismo havia a revelação de várias células moveis da seita, espalhadas pelo mundo. O "santinho" fanatisado pelos princípios dessa seita tinha feito estragos horríveis não só no Brazil, na Argentina, como em Portugal. E qual não seria o poder de sugestão desse individuo para levar mulheres como estas que acabas de conhecer ao sacrificio voluntário que sabe. As reunides para a prática de todos êstes horríveis ritua s eram nas Amoreiras. O afastamento de Silveira aliviou um pouco aqueles espiritos dos efeitos do do seu contagio, que no fundo conservam o reflexo do terror por êle deixado.

Um detalhe para rematar êste episódio. Pouco tempo antes um amigo meu revelou-me a suspeita de que um parente seu de quem era herdeiro, tinha sido atacado de graves perturbações psíquicas. A base da sua suspeita é que sendo essa senhora possuidora dum seio avultado, desapareceu um dia regressando meses depois muito mudada moral e fisicamente; e que de todas essas metamorfoses a que mais o pasmo foi o desaparecimento do seio. Cheguei a pensar que o «perturbado» era êle e não a sua parente—tão inverosímil me pareceu a sua denuncia. Segundo os factos e tendo ido folhear a coleção do «Século» á Biblioteca encontro, entre os nomes das damas que tinham defendido desesperadamente o «Santinho», quando da sua prisão como bruxo estava o de sa senhora—que é aliás viúva dum dos medicos mais gloriosos do nosso país.

#### OS «MORMONS» EM PORTUGAL

Um agente da investigação dos que tem amor ao seu «metier», dos que não esperam ordens especiais para trabalhar porque trabalham sempre e que se tem dedicado sileneiosamente a certa ramificação do banditismo nacional diz-me: «Gibson é um dos muitos nomes de um cavalleiro que se declara cidadão norte-americano que tem vivido por "étapes" entre nós e que cometeu umas burlas de cheques falsos e falsissimos negoejos cinematograficos no Porto, tendo desaparecido ultimamente. O seu retrato veio em todos os jornais. Nunca nos constou que êle formasse qualquer seita, embora porém sempre enquadrado de individuos de ambos os ambos os sexos, nacionais e estrangeiros, que nós fixavamos como membros duma quadrilha internacional esperando a primeira escorregodela para lhe deitar-mos as unhas. Tinha alugado uma quinta próximo a Torres Vedras e sempre desconfiamos dessa quinta e dos seus habitantes. Mas não tivemos pretexto para lha devassarmos. Viajaram muito por todo o país e se eu não os segui nunca foi porque a nossa policia não dispõe de verbas para essas despesas. Mas de facto, os visinhos viam variar muito o pessoal da quinta—êste era sempre escolhido entre moças de todas as provincias. Em maio de 1929—veja a coleção dos jornais houve uma denuncia de trafico de brancas para o Brasil. Eu e dois colegas meus fomos para bordo do "Almazora" e conseguimos apanhar três raparigas que embarcavam com uma matrona francesa Claude Baresud tida por amante de Gibson. Claude ia apenas acompanhá-las e confiando-as ao cuidado de alguma passageira honesta, segundo nos declarou. As raparigas voltaram para terra, fo-

Conclue na pag. 15



O chefe dos dissidentes ortodoxos em traxe místico, deixando cair a cabeça para entre abalísticas religiosas





As duas crianças contaram-nos que viram...

Este caso de Frielas rodou-se de um mistério quasi insondavel. Há neste estranho acontecimento aspectos que nos deixam intrigados. Aparece, em um sitio ermo, já distante de Frielas, por detraz de um canal, à beira da estrada, um homem morto, deitado em mangas de camisa com o casaco dobrado a servir-lhe de travesseiro. O cadaver já ali estava havia muitos dias e o seu estado de decomposição tornava-o quasi irreconhecivel. Quem primeiro o descobriu foram uns garotos de pouca idade que andando no campo aos medronhos, o viram de longe julgando-o a dormir. Passam-se muitos dias e os dois homens de Frielas, caminhando pelo campo, perto do local, viram de longe aquele montão de trapos; aproximaram-se e verificaram tratar-se de um cadaver.

Foi conduzido o corpo para a Morgue, aguardando que algum o reconhecesse. Os jornais deram o alarme, todo o país se inteira do caso que, discutido por milhares de pessoas e, durante inúmeros dias, não teve o condão de interessar a ninguém da familia nem das relações do morto, que as tinha bastantes. A própria policia não nos parecia muito empenhada em esclarecer o caso. Sabendo-se, pelo breve exame que no Necrotério se fez ao cadaver, que este apresentava as costellas partidas e alguns dedos da mão direita quebrados, as autoridades deduziram destes factos que poderia tratar-se de um suicidio. A imprensa diária, como a policia, também hesitava entre as duas hipóteses: a do suicidio e a do crime.

Pois *Reporter X* afirma perentoriamente que houve crime. A hipótese do suicidio nunca a pôde aceitar. Que estravagante processo poderia o tenente Cristovão de Almeida empregar para pôr em prática a idea do sui-

cidio, quebrando as suas próprias costellas e os dedos da sua mão direita? Que instrumento usaria para alcançar esse trágico objectivo? Como poderia ferir-se a ele mesmo naquelas regiões do corpo? Não, leitores, ninguém se suicida daquela forma. Não houve suicidio, houve crime. Os ferimentos que se lhes descobriram, o local ermo onde foi encontrado são eloquentes e accusam: há crime!

Como se praticou? Quem teria assassinado? Eis o que a policia ainda não soube e parece pouco apressada em sabê-lo.

Mas talvez nós possamos fazer a reconstituição do hediondo crime de que foi vítima o pobre tenente Cristovão de Almeida.

### Uma paixão mal correspondida

Cristovão de Almeida era um modesto tenente reformado que, tendo mil e duzentos escudos de pré, levava uma existência modesta mas sem dificuldades. Não era homem que a vida impelisse para o pélagos das grandes ambições. Tinha aspirações reduzidas e isso emprestava à sua existência uma tranquilidade invejavel. Houve quem afirmasse, depois dele morto, que dois grandes vícios o perripitavam no abismo de atrozidades: o jogo e o vinho. Mas, segundo nos informaram pessoas que mui de perto o conheceram, o jogo, o vinho eram nêlo passa-tempos quasi innocentes que não atingiam as proporções de vícios absorveres.

A sua existência começou a saltar fóra dos carris lizos de uma perfeita tranquilidade quando no seu espirito se instalou uma paixão bem mais perigosa do que a do alcool ou do jogo — a paixão por uma mulher.

Na sua idade, quarenta e tantos anos, as paixões amorosas são bem mais para temer do que nas vinte primaveras. Tomam posse dos nervos, do cerebro e do coração, e cegam a victima até ao ponto de não a deixarem ver o precipicio para onde caminha.

Foi precisamente uma dessas paixões fatais que se apouso de Cristovão de Almeida há relativamente pouco tempo.

Uma mulher o impressionou profundamente, a mesma que só muito tempo após a sua desapareição e morte, appareceu a fazer várias declarações à policia entre ellas, a de que não era uma pessoa estragada nem gastadora — a Senhora D. Maria de Conceição Almeida. Esta senho-

## o morto misterioso de Frielas

### Suicidio? Não! Crime!-- Uma paixão fatal de Cristovão de Almeida-- A ruina por causa de uma mulher-- Credores impiedosos-- Como seria praticado o assassinato

ra foi o amor de Cristovão de Almeida, foi a sua companheira adorada, aquela a quem ele seria capaz de sacrificar haveres, bem-estar e a própria vida.

### Um calvário de dívidas por causa de uma mulher

D. Maria de Almeida, com quem a pobre victima vivia maritalmente, admirada como uma deusa e, conforme geralmente succede nestes casos, não correspondia com o mesmo afecto ao afecto do seu amigo. Tratava-o sobranceiramente, com desprezo.



Prostaram no por terra à beira da estrada

E quanto mais a fundo ele se empregava para conquistar o seu amor mais ella se mostrava indifferente.

Ele, porem, persistia em conquistá-la, em vencê-la, mas todo inutilmente. Maria de Almeida entendia que ele não tinha lugar no seu coração, mas apenas uma função lhe cumprir na vida: custear as suas despesas.

O conto de duzentos escudos do pré não era elastico. E Cristovão de Almeida começou a criar dívidas, pedindo emprestado 200\$00 a este, porque a sua Maria precisava de uns sapatos, quatrocentos áquelle, porque o seu amor necessitava de mais um vestido, cem, áqueloutro porque ella tinha precisão de

mais um chapéu. E, pouco a pouco, foi resvalando no caos económico.

A um primo dela, que é da policia de investigação, pediu elle várias quantias mais ou menos avultadas que vieram tornar mais difficil a sua difficil posição. Nos ultimos tempos da sua vida a situação económica de Cristovão de Almeida caminhava a passos gigantes para a derrocada. Isto torturava-lhe o espirito, tornava-o apprehensivo, desgostoso, escancarando-lhe de par em par as portas da taberna. O vinho oferecia-consôlo, aquele lenitivo que as lhe aquele mulheres são, quando amam com sinceridade, para os homens torturados.

### A perseguição dos credores e uma esperançosa viagem a Sacavem

Os crédores perseguiram-no, e de entre elles um dos mais teimosos na cobrança dos seus dinheiros, era o primo policia, o primo de D. Maria de Almeida, a mesma pessoa acompanhou a dona da casa onde a victima vivea quando ella foi reconhecer o cadaver à Morgue.

Pouco tempo antes de desaparecer, Cristovão de Almeida fora procurado por agentes da policia de investigação que, intimidando-o, tentavam cobrar dele algumas dívidas.

De uma das vezes que o apanhara em casa, um desses agentes chegou a apreendê-lo o cartão de identidade que ficaria servindo de garantia ao pagamento de determinada importância.

Cristovão de Almeida, acalbrado, desprezado pela mulher que o impelira para aquela situação vergonhosa, tentava obter de qualquer amigo um empréstimo que o aliviasse do abismo de dívidas onde se sentia perdido.

Antes da sua desapareição visitara um amigo íntimo em Campolide, militar como elle, desabafando as suas máguas, queixando-se amargamente da mulher que o perdera, e que at-

um cobertor lhe levava, a elle que tantos sacrificios fizera por ella. Mostrava-se decidido a procurar um amigo de Sacavem que possivelmente lhe poderia valer. E realmente, no dia 24 de Julho embarcava só com o bilhete de ida, porque o dinheiro não lhe chegava para a volta, com destino a Sacavem. Embarcou e nunca mais appareceu, senão mais tarde, morto, perto do logar de Frielas.

Que se teria passado? Quem o teria assassinado? Quem seria interessado em praticar o crime? A policia neste caso, como no célebre crime de Benfica que ficou por esclarecer, nada apresentou até à data.

### Mais uma hipótese entre muitas hipóteses

Mas onde não chega a realidade objectiva das investigações pode chegar, e talvez acerte, a fantasia do reporter. Imaginemos, pois, que o tenente Cristovão de Almeida não encontrava em Sacavem a pessoa que procurava e lhe poderia valer. Encontrou-se de subito só, abandonado, em uma terra estranha. Sentia necessidade de regressar a Lisboa, mas não tinha dinheiro. Não podia quedar ao acaso uma noite inteira naquela localidade. Decidiu-se então a regressar a pé, tomando a estrada de Frielas a fim de alcançar o Lumiar, por onde entraria em Lisboa.

A estrada é solitária, erma. Cristovão de Almeida caminhava através da escuridão opaca da noite. Já andara um bom pedaço, cerca de uma légua, enfiado nos seus dolorosos pensamentos. De subito, no alto de Frielas, que fica, distante do lugar habitado, saltaram-lhe há estrada dois ou três individuos, que o obrigaram a fazer alto.

Quem seriam esses individuos, que a noite mascarava? Gatunos? Talvez. Inimigos pessoais que aproveitavam aquela excelente ocasião para se vingarem? E possível.

Precipitaram-se sobre elle com violencia.

O tenente quiz defender-se erguendo os braços. Nesse instante uma pancada fortissima vibrada possivelmente com um ferro atingiu-o no tronco, quebrando-lhe as costellas, outra acertava-lhe na mão direita quebrando-lhe os dedos.

Estava derrubado, quasi morto, senão morto. Arrastaram-no, trepando uma ribanceira ingreme. No alto da ribanceira havia um canal. Era um lugar excelente para o abandonarem. E para que quem o encontrasse por aquelles dias tivesse a impressão de que elle dormia tranquilamente a sua sesta, tiraram-lhe o casaco, collocaram-lho sob a cabeça e deixaram-no ficar depois de lhe subtrairem das algebeiras todos os documentos.



Arrastaram-no pela ingreme ribanceira...

E com a tranquillidade de quem acaba de praticar uma boa acção, os assassinos occultaram-se em Lisboa e aguardaram os acontecimentos.

Decorreram os dias e o mais absoluto silencio pezava sobre o caso. Ninguém descobriu o cadaver. Os dois garotos de Frielas que o viram de longe haviam-no tomado por um dorminhoco e não se aproximaram. Os assassinos, longe, em Lisboa, desconheciam este pormenor. Espicava-os uma grande curiosidade: saberem se o cadaver da victima ainda estava onde o tinham deixado. O criminoso gosta de visitar o local do crime. Estes não fugiam á regra.

E uma noite, umas mulhe-

res, que numa quinta perto de Frielas descamisavam milho, viram lá no alto do monte [pela estrada coleante os farois de um automovel parado, dois farois que pareciam vigiar misteriosamente o negreume da noite. Depois os farois apagaram-se e tudo mergulhou na obscuridade. Passaram alguns minutos, os bastantes para os criminosos verificarem que a sua victima ainda estava no mesmo local. Voltaram os farois a brilhar, ouviu-se um ruído de motor e o automovel desapareceu em uma curva da estrada levando consigo os assassinos descansados. A victima dormia no canal e o seu sono eterno.



... e deixaram-no no canal em atitude de quem dorme

### A verdade talvez não seja difficil de esclarecer.

Os acontecimentos ter-se iam passado como os relatamos? Talvez. A policia compete reunir todos os indícios que a conduzam á verdade. Ela vai interrogar decerto a mulher que Cristovão de Almeida adorou, o seu primo policia, os credores da victima. Vai procurar em Sacavem a pessoa que o pobre

tenente procurou, que devia ser um seu amigo e que ainda não appareceu a dizer: «Era eu a pessoa que tinha probabilidades de tirar de apuros esse meu amigo.»

E o crime de Frielas não ficará, como o de Benfica, como a morte do capitão Vaquinhas, no mistério insondavel que intriga a opinião pública e tanto molesta o espirito de justiça dos que tem postos os olhos atentos em crimes desta natureza

*Reporter Mário*

## O Amor de Perdição em Aveiro

*(Do nosso enviado especial)*

Aveiro, a linda cidade sulcada de canais que lhe deram o honroso titulo de Veneza portuguesa, acaba de ser teatro de um drama em que entram todos os elementos emocionantes como nas novelas de Camilo. Não faltam a ingénua, o galã, o cécnico e a magera. Toda a cidade seguiu com emoção e febril interesse as diversas fases desta novela sensacional, e aguarda com impaciencia o seu desfecho que deve ser, como nos livros moralisadores, o triunfo da justiça após o sacrificio dos bons e dos ingénuos, o castigo dos maus que tiveram já uma efémera victoria que lhe tornará mais amarga a hora das derrocadas de suas ambições illicitas.

### SEGUNDA PERSONAGEM: O NOIVO, O GALÀ SIMPATICO DESTES DRAMA

### PRIMEIRA PERSONAGEM: A NOIVA GALANTE, INGENUA E CONTRARIADA

A primeira personagem que pisa o palco desta tragi-comédia é uma figurinha gentil, como as lemos nos romances que nos encantam e que julgamos só possivel na fantasia dos autores. É Maria Eduarda da Cunha Pereira, desasseis primaveras floridas de sonhos que a maldade dos homens, despressa crestou, alma assustada de criança em um corpo elegante de mulher.

E uma linda sintese da beleza

Herminio Lima, 22 anos viçoso, é um rapaz elegante, educado, que reúne ás qualidades morais que toda a cidade de Aveiro lhe admira aquelas seduções físicas que comoveram e venceram Maria Eduarda. Faz lembrar na lealdade nos seus olhos claros e meigos o actor de cinema Chire Brook. Mas não é actor, é um deligente e cumpridor empregado da filial do Banco de Portugal naquela cidade.

Ali nasceu, sendo filho de um respeitado tenente de cavalaria, ama Maria Eduarda, com um amor sincero, neste momento ensombrado de tragédia mercê das



# A grande espionagem inglesa

Mantida e dirigida pelo "Intelligence Service Corps" estende a sua emaranhada rede sobre o mundo inteiro. Os seus agentes sujeitam-se a uma aprendizagem rigorosa. Sem esta famosa espionagem os aliados teriam perdido a Grande Guerra

De Trafalgar Square a Westminster o melhor caminho é seguir Whitehall.

Todos os «auto-cars» das agências turísticas de Londres passam, pois, por Whitehall. E a voz das businas vai gritando as informações dos cicleros: «O quartel dos *horse-guards*!» «A Tesouraria!» «Aqui foi decapitado Carlos II!» «Ai viveu Cronwell!»

Os «auto-cars» vão seguindo por entre o fumo londrino. Os cicleros gritam de novo: *Downing Street*. Os turistas passam. Boa viagem! E nenhum desses turistas, desses viajantes universais, ao contemplar o prédio numero dez pensou, nem por sombras, na sede central e geral e quartel general da «Intelligence Service», isto é a sede da Espionagem Inglesa.

## OS INGLESES ORGULHAM-SE DO SEU SERVIÇO DE ESPIONAGEM

O que é a «Intelligence Service»? Nada mais, nada menos, que a catedral do serviço da espionagem inglesa, considerada, há muito, a mais perfeita em todo o Mundo.

Para Inglaterra, o «Intelligence Service» tem mais importância que um ministério. Primeiro, porque está sempre em acção e dela dependem todas as atitudes de vida ou morte do Trapeiro Britânico. Depois, não olhando para o presente mas recordando o passado — os grandes factos vivem na memória da Inglaterra — lembra-se que se não perdeu a última guerra com a Alemanha, isso se deveu, em parte, aos serviços secretos da serena e fria Albion.

É um inglês — quatorze anos de actividade nas fileiras da «strategic and diplomatic agents» quem nos fabrica do seguinte:

— Em 1917 a Alemanha tinha a victoria quasi segura. Em 26 de Abril do mesmo ano, o almirante em chefe das nossas esquadras, recebia do contra-almirante Chair, nosso agregado naval em Washington, um telegrama cifrado, ordenando-lhe que declarasse ao «Na-

vy Departement» a situação realmente trágica! — em que se achava a Gran-Bretanha sob o ponto de vista de defeza submarina. No dia seguinte, 27, Hines, Page, o embaixador americano em Londres, comunicava ao seu governo que se não podessem atravessar aguas europeias, pelo menos trinta barcos de guerra — a guerra estava perdida! Foi então, quando, desesperando de tudo ante o inevitavel, se nos confiou a nós a salvação aliada!...

## «A INGLATERRA CONFIA EM QUE CADA HOMEM CUMPRE O SEU DEVER»

Esta frase, immortalizada por Nelson em Trafalgar, foi como o «ex-libris» do «Intelligence Service», naqueles momentos tragicos!

Escutemos o nosso informador:

— Quinze dias depois de nos terem confiado a missão de salvar Inglaterra, tinhamos em nosso poder a copia completa e detalhada das instruções dadas por Von Tirpitz aos comandantes dos submarinos. Estava já do nosso lado o Triunfo? Não, porque existia a possibilidade de que a espionagem alemã se inteirasse das decisões que pudesse tomar o nosso Almirante contra os seus submarinos e então a situação não teria sido modificada. Foi uma luta feroz! Durante dois meses, a es-

piagem alemã fez esforços inauditos para se apoderar de alguma coisa, de algum documento, suspeitando, pela energia dos nossos trabalhos, que se estava preparando alguma coisa de muito importante. E passado pouco tempo, os «Ex-boats» ou navios — misteriosos, ideados em poucas horas para gloria da marinha britânica, principiavam a abater, a afundar submarinos inimigos!...

Compreendes, leitor, não é verdade, a admiração que, ainda hoje, sente Inglaterra pelos seus serviços de espionagem!?

## O «INTELLIGENCE SERVICE» VISTO POR DENTRO

O «Intelligence Service», instalado na rua Downing, numero 10, oferece emoções originalissimas.

Todas as secções estão agrupadas por continentes, sendo por vezes, objecto de divisões não só geograficas, mas até politicas. Por exemplo, na secção da Europa, existe a sub-secção de «Assuntos de Mediterraneo», embora existam já organizações correspondentes à França, Italia, Espanha, Grecia, Turquia, etc.

Quanto aos seus membros, o «Intelligence Service» estabelece uma divisão em cinco categorias: agentes diplomaticos, agentes tecnicos, agentes fixos, agentes moveis, e agentes comerciais.

Muitos outros e variados cargos tem o «Intelligence Service». Em caso de conflicto armado, nacional ou internacional, acceti a colaboração de todas as pessoas, mantendo sobre elas o mais rigoroso incógnito, e todas as suas remunerações são largas e, por vezes, generosas at!

## SEUS RECURSOS ECONOMICOS

O «Intelligence Service» está ao abrigo de muitos e importantes recursos, sendo ligado pelo mesmo sistema que comanda as universidades em Inglaterra. Possui, além disso, propriedades rusticas e urbanas, em grande quantidade, explorando-as com grande proficiencia; tem tambem montada na sua propria sede central uma organização financeira.

## O QUE É PRECISO PARA SER UM BOM ESPIAO

Em primeiro lugar, é preciso ser inglês, pois em Downing Street só são aceites os serviços de estrangeiros em tempo de guerra e de modo circumstancial. A espionagem, segundo o conceito albionico, é alguma coisa que requiere dotes de patriotismo elevado. Demais, os ingleses não consideram a espionagem como função de moral deprimente, o que não acontece noutros povos que a julgam indigna e desumana.

Durante a grande Guerra, era corrente na Grande Bretanha esta maxima: «A good spy, is of necessity a brave and valuable fellow» (Um bom espiao é forçosamente um bom rapaz). O conceito moral é, pois, indiscutivelmente bom.

## A ESCOLA DE ESPIONAGEM DE DEVONSHIRE

Proximo de Londres, em Devonshire, funciona a escola, o lieu da espionagem inglesa.

Os cursos duram três meses. O diploma é a folha de ingresso no serviço secreto, folha que, apresentando o neofito com no-



O velho professor, eternamente distraido: Esquece-me de qualquer coisa — mas por mais que pense não me lembro do que é...



## Figuras duvidosas

# Quem é Marquez de Sagres?

Ele próprio se cansou em procurar-nos para no-lo dizer e, portanto, "Reporter X" vai fazer-lhe a vontade, dispensando que no-lo agradeça

Há em Portugal uns indivíduos de vida misteriosa que resumam sua vida por todos os poros, que roçam por todos negócios sombrios, por todos os escândalos, sem que as malhas da lei lhes prendam os movimentos. São sempre pessoas de boa apresentação, bem relacionadas, que fumam caro, usam de automóvel e aparecem em badaladas em seus "fracks", "smoking's" ou casacas naquelas solenidades onde se convençionou que só assistiriam as pessoas de bem e de alta categoria social.

Nunca ninguém se lembrou—por que seria uma indelicadeza—de perguntar a esses cavalheiros de bom tom porque motivo, porque razão recebem as homenagens e gozam as honrarias que só merecem as pessoas de vida limpa e trabalho honesto. Se se lhes perguntasse, seriam bastantes discretos para lhedirem a resposta...

De fato, essa gente elegantemente suspiria, quando pretendemos entrar a sua vida para além daquela aparência luminosa que a impõe aos



A porta de serviço a n. 225 por onde a nossa redactor entrou

olhos dos ingénios, só mostra penumbra, névoa, poeira que nos cega e não nos deixa ver claramente.

### AFINAL, QUEM É O MARQUEZ DE SAGRES?

Este caso recente da aparição de algumas notas de quinhentos escudos, que não nos parecia reverter aquela extrema gravidade que muita gente lhe atribui, teve o condão de fazer incidir a nossa atenção sobre uma dessas figuras misteriosas, que há muito tínhamos catalogado na lista das pessoas elegantemente suspirias. Tratase-se de um titular, um homem bem relacionado, espectacular de importância social como um cartaz de pessoa de grande categoria. E o senhor Marquez de Sagres.

E quem é esse senhor Marquez de Sagres? Quais são os seus méritos intelectuais? Que estranho poder é o seu que o guinda a situações de destaque, que o coloca à frente de manobras capitalistas de vulto? Quem é o sr. Marquez de Sagres?

### ISTO É DESER, MARQUÊS?

O sr. Marquez de Sagres é, segundo afirmou a P. L. G., uma pessoa que procedeu com toda a honorabilidade neste caso recente da passagem de notas de Angola e Metropole. Precedem com toda a honrabilidade neste caso. E em outros? Foi o que tratamos de averiguar. Fizemos alguns redactores em campo, procurando discretamente informações. E ainda não levamos a nosso "clássico" senão um vago preliminar, quando, inopinadamente, o sr. Marquez de Sagres, em pessoa, em carne e osso, com a sua amabilidade e as suas palavras de entusiástica admiração pelo "Reporter X", surgiu na nossa redacção em Lisboa, muito amável em falar ao nosso director, Rinaldo Ferreira, porém não estava na capital, tinha vindo para o Porto. E logo o sr. Marquez se prontificou a vir procurá-lo ao Norte. Mas porque tanto empenho em falar-lhe? A que propósito vinha aquela insistência? E que—expliquem uma excelência ao nosso Director-Administrador—tinha inimigos e temia as suas manobras. Tinha inimigos... e achava o "Reporter X" um jornal muito importante, muito bem feito e, se quizessemos, ele, que é rico, sim, ele que é alguém a sociedade portuguesa, arranjaria-nos a capital para desenvolver a nossa "interessantíssima gazeta... Arranjaria-nos a capital! Mas quem lho pediu, sr. Marquez?

O sr. Marquez é pessoa de alta, olimpica categoria: procurar-nos a nós, plebeus, escrevinhadores modestos, prontificou-se a uma súbita viagem ao Norte para falar pessoalmente ao nosso humilde Director, não seria demasiado incoerente para uma pessoa da sua categoria?

Isso não seria descer, Marquez?

### NO ENTANTO, «REPORTER X» ENTREVISTA O MARQUÊS

E enquanto o illustre titular assim manobrava e nos mimoseava com adjetivos que nos faziam lembrar os beijos graciosamente, um nosso redactor ia entrevistá-lo, em sua própria casa, um edifício apalaçado na Avenida da Liberdade. Rodou o Marquez esta entrevista de muitas cautelas. O nosso redactor, por recomendação dele em vez de entrar pela porta principal, penetrava sobreplicadamente pela porta de serviço, que tem o número 225. Depois de entrar essa porta, foi, conforme o entrevistado lhe recomendara pelo telefone, bater a outra três campalinhadas discretas, misteriosas, como nos romances... Era o sinal convençionado...

Foi Marquez que desceu a subtrair o criado, abrindo a porta por sua próprias mãos. E o nosso redactor conta o que se passou da forma que segue.

«Era ricamente posto o gabinete onde o Marquez de Sagres nos recebeu. Era rico, mas de mau gosto; quadros

a óleo do século XVIII de mistura com telas futuristas. Sobre um mural, a estatueta de uma criança de 10 anos, a filha do Marquez, muito gentil.

O Marquez estava disposto a deixar-se entrevistar. Iniciamos, portanto, a entrevista com uma alusão ao caso das notas de 500 escudos «Vasco da Gama» que trouxeram e seu nome as celulas dos jornais.

—Quando me propuzeram o negócio—expliquo-lhe a sua manobra—fui consultar a policia para saber se seria licito ou não. A policia disse-me então que sim, que poderia fazer o negócio desde que a origem das notas fosse boa.

Esta desculpa já o Marquez a dá nos seus jornais, pouco interesse portanto nos oferecendo. Mas o que é curioso, o que convém frisar é que o discutido titular afirmou que no momento em que entregou os quatro mil e quinhentos escudos no escritório do sr. Donato Casimiro, estavam ouvindo a conversa, ocultos em um gabinete contíguo, dois agentes da policia.

E porque estavam ali os agentes? Porque o sr. Marquez combinara com eles essa cilada? Se combinara, os agentes cumpriam a sua obrigação, mas o Marquez cumprira apenas a missão de denunciante. E ser denunciante, não será descer Marquez?

### HÁBITOS QUE O VULGO NÃO COMPREENDE

«Falamos ao sr. Marquez de Sagres no caso Angola e Metropole. Era tocá-lo em uma ferida; por isso ele lhediu a resposta conforme pôde.

—Fui muito prejudicado na venda do conventinho ao José Bandeira... Coitadinho, o sr. Marquez anda neste mundo para ser prejudicado.

E afirmou ainda:

—Estou convencido de que os dois irmãos Bandeiras estão inocentes; o Marquez porém, é que perdeu a inocência há muito tempo...

Fizemos-lhe delicadamente alusão aos seus vícios aristocráticos... Não os nega. Não negou porque é uma pessoa superior, incompreendida pelo vulgo... Ele próprio o confessou, referindo-se veiosamente aos seus hábitos duvidosos e secretos, sua simpatia arbatada por marinheiros e «chauffeurs»...

—Isso não cousas que nem todos tem elevação para compreender.

E rematou enfático, superior, enfim:

—E é a nostalgia da ralé...

### UM PAU POR UM OLHO

Mudando de conversa que ia resvalando em entrecho de novela de Alfredo Galois, o sr. Marquez de Sagres falou de seus negócios. Ele é mais impetuoso do que os leitores julgam. Tem 1.200 contos de alicerce na praça. Depois confessou que fez parte de um grupo que pretendia vender um pinhal enorme a uns ingleses. O grupo arfava, em sua correspondência para

Inglaterra, que os pinheiros tinham sete metros de altura. Era um pau por um olho, como o sr. Marquez gosta, que sejas os seus negócios. Mas os ingleses mandaram a Portugal um inspector que verificou que os pinheiros atingiam, a custo, dois metros de altura. Foi o diabo, porque o inspector não se deixou subornar. O sr. Marquez teve pena. E o demônio, esta gente que não se deixa subornar...

### PELO DEDO SE CONHECE O GIGANTE

E elucidativa a entrevista que o nosso redactor teve com o Marquez de Sagres. Sabemos que esta personagem tenebrosa na sociedade portuguesa está habituada a subornar o pelo di-



A redacção discreta que o Marquez frunquem ao nosso redactor

nhreiro ou pela sedução pessoal ou se não serviu-lo-se da sua intriga feminina para as autoridades lhedidas perseguirem os seus adversários.

Temos ainda muito que dizer sobre este Marquez que comprou o título a uns fidalgos arruinados. Se nos olarmos, saberão os leitores que grande violência foi exercida contra nós—porque nem o dinheiro, nem a sedução pessoal (esta ainda menos), nem as autoridades (elas não favoreceram gente duvidosa) nos vencerão.

Mário Domingos

### Ultima hora

Precisamente na ocasião em que fechávamos esta página para a fazer-mos imprimir, temos nas gazetas diárias a noticia de que o sr. Marquez de Sagres tinha sido alvo de um atentado que felizmente, falhou.

Conhecemos pessoas que tem a mania de tentarem o suicidio por forma que haja sempre quem impeça a tempo a gran e desgraça. Este atentado, porém, não deve vir a tempo de impedir que as verdades se digam. O cinema é uma arte de grande futuro em Portugal. Geste hábil para fazer "fitas" não falta.

M. D.



## A propósito de um bi-centenario

# A HISTORIA DA POLICIA PORTUGUESA

Da Guarda Real do Conde de Novion à Guardia Republicana.—A Guardia Real e Junot.—Os «moscas» e o «baratão» do Intendente.—A quadrilha do «olho vivo» e Xavier Coutinho, detective do seculo XVIII.—A velha organização policial.—O chefe Jacob.—A Guarda Municipal

Lemos num diario da capital que existe, embrionaria ainda, a intenção de se comemorar este ano o segundo centenario da fundação das primeiras guardas policiaes portuguezas—comemoração essa em que se enjoinam a Policia e a Guarda Republicana. Embora nunca nos aperiçamos em assuntos historicos nem que nos interessamos as pestanas lupando papelada dos arquivos, onde a traça borda arrendadas fantasias—littigando-nos ante o pretexto de data. 1930—1930? Ao recordar epiframicas investigações sobre a matéria—«vimos ligeiras informações «militares» em auxilio excepcional a regedores e juizes—e só vinte anos depois, em plena lictadura pombalina nos surgem as primeiras organizações policiaes, dignas des nome—irradando simultaneamente do «gabinete negro» onde o profeta dos detectives modernos, o já citado «José Roxos» ignorava aventuras emocionantes—«ignoras das há pouco tempo. E a seguir, mas com grande intervalo, Pina Manique, o antipatiquissimo o ultra grosseiro intendente creanço a «Guarda Real da Policia». Mas mesmo esta só tomou um aspecto verdadeiramente policial sob o comando dam infante francez, fagido da guilhotina revolucionaria de Paris, o Conde de Novion. E peço «Guarda Real da Policia do Conde de Novion que devemos marcar qualquer data comemorativa...

O Conde de Novion veio aos haldoes da imigração forçada até Portugal onde chegou nos finais do seculo XVIII, principios do XIX. Habil e «charmoso» de boa escola e necessitando defender-se financeiramente das consequências do exilio relacionou-se com fidalgos e politicos influentes na corte, conivendo-os com os seus maritrios de perseguição da República. Assim conseguiu ser associado pelo governo para organizar e comandar a Guarda Real da Policia. Rápida mente cu priu o projecto da sua proposta—obtendo uma guarda tecnica e moralmente modelar, disciplinada, bem fardada e bem instruída. Era grande o contraste entre os homens da «guarda» que se apresentavam com limpeza, brilho de farda, marcialidade de modos e rigor no cumprimento dos seus deveres—e o relaxamento do resto da tropa; estar apada, mal paga, desprezada, sem disciplina e sem gosto. Daí hostilidade entre uns e outros—várias vezes inflamada em scenas sangrentas—pequenas batalhas nas praças, nos mercados e na vizinhança dos quartéis.

Não admiravam tantas virtudes na «guarda» visto que ela custava á nação uma boa verba. A começar pelo seu comandante e seu ajudante—franceses também—que ganhavam 450.000 reis, e 150.000

reis, respectivamente—uma fortuna, para época—os capitães recebiam 80.000 reis, os tenentes 50.000 reis, os alferes 35.000 reis; os sargentos 15.000 reis e os soldados 10.000 reis. A Guarda compunha-se de 1.000 homens sendo 300 de cavalaria.

A «Guarda Real do Conde de Novion desmoralizou-se bastante quando do invasão de Junot. Novion, apesar de «fidalgo imigrante» mantinha entendimentos secretos com a policia napoleonica, colaborando directamente com o general invasor. Junot era avisado em Abrantes, por emissario seu, sobre a fuga da familia real; foi recebido em Lisboa por uma «guarda d'honra» da Guarda Real da Policia comandada pessoalmente por Novion; e por ocasião dos motins populares do Rio, da Rua de Alencim, e do Largo das duas Igrejas tentou dominar o povo, ordenando aos seus honens que espandissem e fuzilassem as massas rebeldes. Mas desta vez fracassou a sua deslealdade. Os seus officiaes e soldados, embora mantidos em plena disciplina, não se esqueceram que eram portuguezes e se não fizeram franca causa commum com os amotinados tambem não carregaram sobre eles nem os acutilaram.

A Intendencia, a par da Guarda, organizava as suas brigadas de «moscas»—a voengoes dos «secretos» caricaturados. Compunha-se essa guarda á paisna de oitenta homens apenas, divididos em quatro grupos e chefiados pelos «baratas»—funcionarios superiores da Intendencia. Os «moscas» estavam divididos em duas categorias: os «rasos» ganhavam dez mil reis; os outros quinze e os «baratas» vinte e dois.

A selecção era rigorosa e havia alguma com relativa educação e cultura. Um deles—Xavier Coutinho destacou-se desde tempo de Pina Manique pela astucia e habilidade

com que realçou as suas vezes ligções detectivescas. Foi elle quem descobriu e vendeu a mais celebre quadrilha de escroques e falsificadores que teve Portugal—que ficou celebrada pelo proprio apodo—«a quadrilha do «olho vivo». Ainda hoje se acauha de «olho vivo» todos os agroramentos de escroques. Xavier Coutinho infiltrou-se nossegro do bando, deixando-se aliciar e colaborando com elle até reunir os fios da meada; e já na vespera da victoria um tal Roquette, especialista em falsificar letras denunciou-o e Xavier teve de usar de qualidades acrobaticas para conseguir gretar o circo que lhe fizeram no coito da quadrilha, na Rua do Bemfiteiro e salvar-se com vida dos punhais e das pistolas que o perseguiram. Os burlados pelo «olho vivo» premiarão no com um sacco de mil cruzados e o Intendente guiudou-o ao posto de «barata». Morreu em 1820 com sessenta anos e anavalhado por um rufo.

A Guarda Real da Policia transformou-se em guarda municipal em 1820—fixando o seu effectivo para 1.500 homens e durante bastantes anos a policia ficou reduzida á vigilancia militar das rondas e patrulhas e ás «moscas» já em decadência. Vieram depois o «caboso»—até que em 1850 a Guarda Municipal sofreu uma reforma radical, tornando-se de facto um corpo de elite—auxiliando nos serviços policiaes uma nova policia civil e secreta, igualmente reformada e dirigida por commissários e chefes civis—sistema este aliás que existe, existiu sempre em todos os paises, excepto em Portugal, onde o commando supremo da policia está confiado, há mais de 30 anos, a officiaes do exercito. Na propria Espanha, todos os serviços de ordem publico, incluindo a «Guarda Civil», estão pilotados por um «Di-

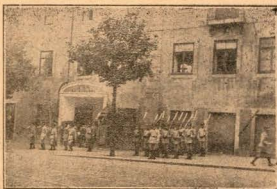
rector», commissario de 2.ª classe que até há pouco tempo era o mais celebre detective espanhol, Luna, organisador da policia de várias repúblicas americanas. Luna recebia directamente instrucções do Ministro de «Gobernacion» e transmitia as aos outros commissários e ao comandante da Guarda Civil.

A policia, tal como nasceu



Um officia da Guarda Real da Policia

na penultima etapa, compunha-se, em Lisboa de 200 guardas, 10 chefes e 20 agentes de investigação, 10 cabos e 3 chefes, igualmente de investigação—dirigidos por dois commissários, um exclusivamente dedicado á «policia fardada» e outro á «palsana». A insufficiencia numerica da policia de investigação fazia com que a policia fardada se «desfardasse» para auxiliar a primeira. Foi por essa colaboração que Jacob, um guarda vulgar, se distinguiu até se tornar celebre nos annos da erminologia portuguesa, acabando sua seus dias como chefe da Policia Secreta. Entrevistado há 33 anos pelo Rocha Martins declarou que dos 600 e pico casos de que tratou só não descobriu dez, tendo no seu activo perto de 5.000 prisões. O chefe Jacob é uma tradição gloriosa e ainda hoje se recordam e se utilizam vários sistemas seus para esclarecer densos mysterios policiaes. A policia civil era insignificante apesar da simplicidade da vida fardada de então—sendo a Guarda Municipal quem de f.º, realçou a maior parte do serviço policia da cidade; e os seus officiaes dedicavam-se tambem á investigação de crimes. O tenente Cerejeira deixou na memoria dos seus companheiros a recordação de aventuras dignas de qualquer detective moderno. Foi elle quem descobriu e prendeu o autor da tragedia da Rua de S. Paulo e acabou por ser assassinado mysteriosamente, na sua residência, na Graça. A sua morte e um enigma que ainda hoje apalparia o publico.—A. R. O.





# Um bairro chinês em Lisboa

**Recapitulando  
As Associações  
Secretas, o opio e  
a pouca higiene  
As estatísticas da  
colônia chinesa na**

Constitui um dever avisarmos-nos contra três grandes perigos que esses "Chine-Towns" trazem sempre. Primeiro—o vício do ópio. Onde estão dois chineses—nasce uma "fumerie"; e uma "fumerie" é uma chaga aberta e contagiosa. Segundo—são as suas associações secretas. Nenhuma raça possui mais seitas e as manobras mais trágicas do que a chinesa. Kessel, como os "lutores" não ler, também se refere a elas. E terceiro... a falta de limpeza, o perigo constante que representa para a higiene pública um aglomerado de chinês...

Re cordava-me a Kessel na sua visita ao bairro chinês de Paris—improvisou uns meses—e por essa reportagem visionaríssima de que terá o futuro bairro chinês de Lisboa.

Desde a guerra que Portugal é visitado com frequência por caravanas de chineses. Há dois anos a esta parte esses sénomas amarelos examinam-nos numa colônia que se dilata rapidamente. Está estabelecida indistintivamente uma corrente de imigração de chinês para o nosso país; e os que já residem multiplicam-se com a tradicional fertilidade da raça. Como é natural a cidade preferida por eles é Lisboa, e recordando o que tem sucedido à todas as cidades onde se formam colônias com filhos da Celestial republica—facil é projectar que dentro em pouco Lisboa terá o seu bairro chinês—"Chine-Town"—pelo modelo do de S. Francisco, New-York, Londres e de Paris, o mais recente de todos, inesperadamente construído em Billancourt, com a velocidade com que no teatro se muda o cenário de um quadro para outro. Como primeiro seria—curioso enriquecer o museu panorâmico e humano da capital com essa espécimen. Mas sem hostilizar nem provocar a antipatia contra esses estrangeiros—avisamos os três perigos que formam o cortejo desses bairros: mal sempre a uma cidade; o contágio do vício do ópio, as tragédias das suas múltiplas associações secretas e a ameaça da sua falta de higiene.



Um Paris: Um restaurante para chineses ricos

existência de uma densa colônia; de Londres, onde a estatística da zona amarela de Whitehall acusa uma existência de 80.000 chinês, quasi todos dedicados a lavar e engomar roupas—e a outras misteriosas missões; de Paris, que já falamos; de Berlim, onde a colônia chinesa de 5.000 indivíduos é quasi totalmente burguesa, aristocrática e burocratizada, sem "colônia", dispondo apenas de uns "restaurantes", "cafés" e "cabarets"; e de Rio de Janeiro e Buenos-Ayres onde se esboçam já, pequenas "Chine-Towns"—Lisboa deve ser a capital entre todas as capitais da Europa e da America, na sua categoria, aquela que actualmente abriga maior numero de cidadãos amarelos e onde a colônia tende a um mais rápido desenvolvimento. Tivemos a pachorra de nos dirigirmos a vários consulados, solicitando informas a este respeito. Madrid, Barcelona, Roma, Bruxelas, Viena, não passam de "umas dezenas" de cidadãos amarelos e des-de há muito, sem variante. Das capitais escandinavas e bálticas, só Copenhagen, entre as primeiras e Bucarest, entre as últimas têm chinês—doze a primeira e oito a segunda. Ora em Lisboa a colônia chinesa não só é muito superior a de todas as cidades capitais como se avizinham várias caravanas que devem engressar-lhe muito mais. Alguem que por dever profissional está muito bem informado sobre a matéria garante-nos que o ano passado a colônia aumentou 30 por cento, como no anterior aumentara 20 e como no actual cresceu de 42 por cento—numeros exactos. Não se nota tanto este crescimento porque eles assim como "em agrupados, dispersam-se por todos os bairros, por todos os subúrbios e arredores e provincia, nos períodos de trabalho. Em 1931—estamos avisados oficialmente—devem desembarcar na Europa, com destino a Portugal, caravanas que totalizam mais alguns centenas de amarelos. Dentro de cinco anos a colônia chinesa em Lisboa deve conter mais de um milhão

de pessoas—o suficiente para a criação de bairro.

## ONDE VEM OS CHINOS E QUAL A RAZÃO DA SUA PREFERENCIA

O nosso informador antigo "detective da Policia Internacional, viajado e em dia com todos estes problemas cosmopolitas dizia-nos:

"Na China, repita, paira a epidemia da "associação secreta". É uma forma por vezes trágica e agredente de "sindicatização". Qualquer pretecto serve para agrupar indivíduos num espécie de seita. Tudo nos leva a crer que a imigração chinesa—para Portugal é resultante de qualquer determinação dumha dessas associações, a qual devem pertencer todos os quasi todos os amarelos que têm vindo para Portugal. Atacados pela mesma fatidada economica resolveram imigrar para melhor defenderem o pão nosso... deles e, por motivos ignorados, escolheram o nos-o país. Os chefes estabeleceram o problema, organizaram a corrente, e decretaram até ao minimo detalhe, a debandada. E assim, pouco a pouco, todos os membros dessa associação tem vindo acampar na nossa terra. O crime do Hotel Franco, o misterio que o selou e o mistimo de toda a colônia, são sintomas eloquentes de que se trata do facto, de um "sindicato secreto". Além disso a sua documentação assegura-nos que são todos da mesma provincia ou melhor da mesma cidade, embarcando no mesmo porto—Hong-Kong; depois de estacionarem um ano em Maracá, desembarcaram na França; e vindo por "stapes" até Portugal onde se fiam."

## A CREAÇÃO DUM BAIRRO CHINEZ

Quando todo o grupo se tenha retirado—é quasi certo a criação do

**Europa e na  
America  
Quem são os chi-  
nezes de Portugal  
A ideia do bairro  
As primeiras  
"demarches"**

"bairro chinês" em Lisboa. As "Chine-Towns" surgem todos do mesmo modo. Em Paris contamos no numero inferior foi questão de poucos meses. Um oculto capitalista os financiou, permitindo a aquisição de todas os prédios dumha encruzilhada de ruas; os vendedores de bugangangas, estudantes, comerciantes democratizam-se; e em successivos series operam a metamorfose e espalham-se pelas "ruas" casas, mas enchendo cada habit-por com um tão elevado numero de indivíduos que se torcem em charada o processo, de lá caberem todos. Foi assim em New-York, em Londres, em Paris—e se-lo-há tambem em Lisboa.

Quando "uma colônia chinesa" atinge a importância bastante para se agrupar num "bairro" um igneto alça-se a disparar o elenco dos "senhorios-luxu-pedreiros". São estes que, financiado não se sabe por quem, os que compram os prédios, reorganizam como ludou; quem os transformam; quem prepara as ruas; quem capitalista os alojistas fornece-lhes lojas e recheio, quem monta as hospedarias, os "restaurantes" e as "fumeries" do ópio, as casas de chá e de jogo. São eles os contra-regras, os senhores feudais, os patrios, os donos da colônia, quem lhes proporciona e orienta todos os meios de ganhar a vida; quem lhes paga e quem recebe de novo o produto desse trabalho fornecendo, em exclusivo, alimentos, roupas, abrigio, têxto, esteiras e...—eis o segredo do seu dominio—o indispensavel ópio.

## ONDE SERÁ O FUTURO BAIRRO CHINEZ

Os chinês—é tradicional—não primam pelo amor há higiene. Não são exigentes nem em alimentos, nem em comodidades nem em higiene.

(CONTINUA)

## A COLONIA CHINESA EM PORTUGAL E AS ESTADÍSTICAS ESTRANGEIRA

Não falando dos Estados Unidos em cujas numerosas cidades é infamulosa uma "Chine-Town" denunciando a



O vício do ópio: Uma chinesa, semia vulgar, nos "fumeries" dos bairros chinês



# “O Amor de Perdição” em Aveiro

Um casamento burla a que é forçada uma linda rapariga de desaseis anos—O noivo é amante da mãe da noiva—O dinheiro mola real da torpeza—Um enamorado lançado do desespero

(Conclusão da pag. 9)

manobras torpes de um sacerdote e de uma megera desvergonhada, que não merecia ter uma filha tão pura.

## TERCEIRA PERSONAGEM; MARIA GOMES, POR ALCUNHA A «SERRALHEIRA»

Maria Gomes, por alcunha a “serralheira”, foi sempre uma mulher sem vergonha, sem a menor noção do pudor feminino. Em nova, sendo criada de servir, que para mais não lhe dava a sua falta de educação moral e mental, mantinha varios amores illicitos a que se entregava com furia.

Teve a sorte, mais tarde, de se



A gentilissima Maria Eduarda da Cunha Pereira, victima do casamento burla

juntar com uma pessoa de bem, já idosa, que lhe garantia a alimentação e o bem estar e lhe perfilhou a filha a quem deixou a sua fortuna, uns quatrocentos contos.

Apesar de tantos beneficios recebidos, Maria Gomes não modificou nunca a seu porte ignominioso. Morto o seu benefactor, ficou ella como tutora da filha que tem sido uma verdadeira martyr nas suas mãos.

## QUARTA PERSONAGEM: O CÍNICO, ANSELMO DAS FREIRAS, SACRISTÃO E NEGOCIANTE.

Anselmo José Lopes Ferreira é conhecido em Aveiro por duas alcunhas que o delinham: Anselmo

das Freiras e Anselmo das Hóstias. São 45 invernos plenos de “escroqueries”, negócios duvidosos, sarrices de convento, regados de água benta.

Comerciante durante a guerra e bem relacionado com padres e freiras de Espanha, de quem é procurador no nosso país negociou em trigos a que adicionava materias noivas à saúde e, assim, à custa dos sacrificios do povo, arranjava uma fortuna.

Serrano e pastor de ovelhas em seus principios, teve por madrinhãs umas santas senhoras do Convento das Carmelitas de Aveiro. Foi sacristão e ainda o é nas horas que lhe sobejam dos agrocios de moagem e do fabrico de barricas para ovos moles, barricas que está registadas como invento seu quando, na realidade, r ubou a patente ao verdadeiro inventor que nelle confiou.

Este Anselmo das Freiras, cuja crónica ha sido contada encheria a transbordar muitos numeros do REPORTER X, tem sido amante de: Maria Gomes, a “Serralheira” mãe da pobre Maria Eduarda. As duas almas sordias fazem boa liga, tão boa que se reñtram em uma combinação torpe: casarem a linda Maria Eduarda tem dinheiro da herança do pai e o Anselmo, ca-ando com ella, realitaria um negocio estupendo: teria duas mulheres—a mãe e a filha—e metteria ao bolso uma fortuna.

E' unico, este Anselmo das Hóstias!

## UM NAMORO SINCERO QUE HEDIONDAS COMBINAÇÕES DE S M A N. C H A M

Há muito tempo que Maria Eduarda e Hermínio Lima se conheciam. Os olhos lânguidos della procuravam ao dele de preferência aos de todos os outros homens que a contemplavam com admiração. Sabendo-se profido, Hermínio arriscou, à maneira antiga, uma carta romantica, uma declaração de amor. Timida, Maria Eduarda não teve, de principio, coragem de confessar claramente os seus sentimentos e aceitou a corte com uma condição ingenha: “serião como dois irmãos muito queridos”.

Depressa a mãe teve conhecimento deste idílio ingenuo, quiz contrariá-lo e encontrou a filha inquitatorialmente prohibido durante dias de apparecer em publico.

Mas o amor fortalece-se com as contrariedades. E os dois enamorados começaram a amar-se com mais entusiasmo.

## COMBINA-SE UM RAPTO QUE NÃO CHEGA A REALIZAR-SE — UM JUDAS SEM TRINTA DINHEIROS

No dia 27 do mês findo, a megera autorizou a filha a ir visitar uma sua quinta, retirado de Aveiro uns dois quilometros, onde duas tias co proprietarias estavam veraneando. Hermínio soube desta pequena liberdade da namorada e foi procurá-la à quinta, conseguindo falar com ella durante quatro horas.

Mas esse amoroso encontro foi ensombreado de drama. Maria Eduarda cootou ao jovem a maquiavelica manobra da mãe e do sacristão. Para convencê-la, a megera sujeitava a filha as piores torturas. A sua vida era um verdadeiro inferno.

Hermínio escutou o indignado o relato de tanta infamia e, em um arrebatamento, propoz a fuga à noiva da sua alma. O ignobil casamento estava marcado para 29 de Setembro; urgia proceder com rapidez.

Combinaram, pois, o rapto para muito brevemente. Mas elles não sabiam que próximo deles, occulto, um reptil na sombra, se encontrava um Judas, um tal Manoel Pecegueiro, que correu denunciá-los à “Serralheira” e ao Anselmo das Hóstias. Para este Judas não houve, ao que parece, nem trinta dinheiros... nem uma figueira onde se enforcasse.

## UM CASAMENTO APRESSADO E ILEGAL

Sabedores do projecto dos dois ei enamorados, o sacristão e a amante tomaram providencias rápidas.

A's onze e meia horas da noite alguns batia a porta do sr. Dr. Fernando Moreira e o advogado do Registo Civil. Era o Anselmo das Freiras que queria casar se aquella hora tardia. O sr. Dr. Fernando Moreira recusou-e a colaborar nesse disparate. Mas no dia seguinte, às 8 horas da manhã, lá estava de novo o sacristão telimoro em consorciar-se com uma pressa siltiva e suspeita.

E nesse dia—28 do mês findo—te tunanhado pelos srs. Francisco Soares e Armando Cunha Azevedo, pessoas bemquistas em Aveiro, e pelo sr. Ricardo Mifeiro, socio do Anselmo, o qual sorcio era registado, embora sem que o conservador tivesse ordens de illipensa official de afixação de editais, que foram legalizadas três horas depois do casamento realizado.

Depois do Registo Civil para ficar melhor selido este com órcio estranho, a Igreja abençoou em nome de Deus, aqui ella uniu torpe,

Casou os o padre Pedro, um irrisacivel capaz de excomungar uma pessoa por uma insignificancia. Mas esta unio, em vez de excomungá-la abençoou a sorridente e amavel, afirmando entre as Igrigias da noiva que nunca vira «um casamento tão bonito».

Quando a Maria Eduarda foi sacramentalmente perguntado se era de sua vontade que aceitava aquele homem para marido, ella, preza de uma indisciplinet emção, calou-se.

Então a megera, essa mãe que é a vergonha das mães, pegou lhe na mão, forçando-a a receber a aliança simbólica e dizendo, cínica-

—Ella está tão alegre e comovida que nem pode falar.

E com a outra mão beliscava-lhe as carnes tenras provocando-lhe as lagrimas.

Consumada o crime, Anselmo passou com a noiva em automovel aberto por toda a cidade, a sua glomínia. Mas o povo dirigiu-lhe



Anselmo José Lopes Ferreira

graças e vaias; na praça dos taxis os “chafuflurs” buzinarom ruidosamente—e a pobre rapariga teve que sofrer mais esta vez gonha.

## A VIAGEM DE NUPIAS ADIADA

Anselmo das Freiras quer ir passar a lua de mel ao estrangeiro. Para sair do país necessita que as testemunhas do casamento lhe assinem o passaporte. Ellas, porem, que foram ludibriadas uma vez, não o querem ser segunda.

E lá está o noivo, em um castelo do sacristão perto de São Pedro do Sul, aguardando os papeis que tardam em seguir o seu destino.

Fernando Cal

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura.



# «CAGANCHO»

(1) «ESPADÁ» ENIGMÁTICO  
O TEMERARIO QUE TOUREIA  
NO PORTO, NA TERÇA-FEIRA  
(A-FEIRA À NOITE, FOI  
O SALVO DA MORTE POR  
UMA MEDALHA DA VIRGEM  
DA MACARENA..)

... Pois falemos de «Cagancho», se todo o mundo fala de «Cagancho», esse toureiro cigan, misterioso e enigmático, temerário até à morte quando «queda bien», e medroso como uma «ninita» quando lhe dá «la tiala pta».

«Cagancho» é o homem do dia.

Há pouco revolucionou Lisboa e agora dispõe-se a revolucionar o Porto, toureando em (aia na terça-feira, 16, na grande «Corrida Noturna da Imprensa do Porto», acontecimento dominante em todos os «charlos» nos cafés, nos teatros, nas ruas do velho burgo portenho.

«Cagancho» é o toureiro revolucionário na sua arte exquirista, irmã gêmea da Bel-rionte, esse a quem os espanhóis numa hipérbole espanholíssima apodaram de «El Terroroto!».

Com a mesma facilidade com que dá uma «espanta», «Cagancho», Joaquim Rodriguez de «su nombre, arma um escândalo delirante, levantando as praças em orações apoteóticas.

E' cignano e, como tal, supersticioso.

Há dois anos, toureando em Málaga, «Cagancho» foi salvo da morte por uma medalha de ouro onde estava gravada a figura da «Virgem de la Macarena», a santa dos Toureiros de

Triana, bairro excêntrico de Sevilha, onde nasceu «Cagancho».

Empitonado primeiro pelo touro, o cignano sentia, já no solo, e choque violento do pitão do biócho. Não o havia fadado, porém, porque a lâmina encontrara a dura resistência da medalha sobre o peito!

De então para cá «Cagancho» tornou-se um cego idolatra da Virgem de la Macarena. A santa acompanha-o sempre, em fotografia. E quem vá visitar o «espadá» famoso num simples quarto de hotel, que seja, encontrará a fotografia — fitiche na meizita de cabeceira do «maestro» alumada por uma pequena vela. E' ahí, junto da mesa de cabeceira onde está — Macarena, que Cagancho, — falta de capela melhor, reza a sua oração antes de entrar na praça.

«Cagancho» é assim o toureiro cignano enigmático que está prendendo a atenção de todo o norte do país, depois de revolucionar Espanha, Mexico e Lisboa.

Que vai ele fazer na terça-feira à noite em frente do grande mexicano Heriberto Garcia, que com ele vai alternar? Vai mostrar, decerto, toda a fama finíssima da escola «rondena», que é a escola do toureiro parado, de estátua, toureiro tragico, quasi suicida, que ao vê-lo as multidões se agitam frementes de emoção, esperando segundo a segundo a cornada mortal.

Bem haja o Cofre de Pensões a Viúvas e Orfãos da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto por ter tido a coragem se contratar «Cagancho» Heriberto Garcia e o grande rejoneador Antonio Luis Lopes, todos eles toureiros que se fazem pagar a peso de ouro.

Pela primeira vez se vai

# A grande espionagem inglesa

Conclusão da pagina 10

tas francamente favoráveis, lhe vale, imediatamente, uma viagem ao estrangeiro, com o encargo de resolver determinada missão. Os classificados com notas inferiores impõem um minino de três meses como estagio na central londrina.

Desde o ano 1920 para cá, abunda, em grande numero, o elemento feminino na escola. E cometeram tantas proezas durante a Guerra, as azougadas filhas de Eva!

O que se aprende na escola de Devonshire? Pois, toda a profissáo de agente secreto, até á maxima perfeição. Como a cultura é já esmerada nos alunos — o exame de ingresso é severissimo — pode seguir-se directamente ao tecnisimo da espionagem. E como de tudo quanto pode um aspirante a um espiao aprender, o mais difficil e importante é o manejo das chaves secretas utilizáveis para a transmissáo de mensagens, obvio é dizer que em Devonshire fazem-se praticas que chegam a virtuosissimo de escrever e decifrar informações comunicadas por meio de chaves — e depois das chaves do serviço secreto japonés, são as do «Intelligence Service» as mais difficéis —. As tintas chamadas sympathicas, as combinações com as notas de pentagramas, as informações emboscadas em cigarros, as instruções escritas debaixo dos selos de correo, nos envelopes, e outras innumeráveis combinações parecidas são praticadas,

ver uma corrida de touros na capital do norte.

«Baya por los Toreros de sangre!»

Pepe Rodriguez

# O segredo das ceitas religiosas

Conclusão da pagina 7

ram reconduzidas ás casas paternas — mas nem Claude nem Gibson tom castigados; ele, porque se soube defender; ela, contra quem havia provas suficientes, porque se apressou a passar a fronteira. Longe de nós que o bando de Gibson fosse uma seita... Mas apenas recordo um detalhe. O dono da quinta e do solar, alugado por Gibson — o conhecido proprietario da quinta, sr. Casimiro Gouveia, queixou-se ás autoridades que o seu cavalheiro tinha partido sem cumprir parte do contracto e deixando algumas das salas do solar totalmente transformadas com decorações «indecentes».

O assunto é antigo; e assim como medram em Portugal os «nev e certos-doze» e os «mormons» — quantas outras seitas não existiram como uma ameaça, no nosso país — ignoradas por todos nós? Não valerá a pena que voltemos ao assunto? Uma seita religiosa é sempre mais perigosa do que uma seita politica porque ignora os espiritos mais puros num fanatismo cego; e o fanatismo cego transforma os individuos e pode conduzi-los a todos os crimes. E no fundo dessas seitas, mesmo entre os sacerdotés mais sinceros — fílitram-se sempre lmas torvas premeditadas para os seus vícios ou pojitando planos tenebrosos. E por isso faço minhas as palavras de Guizy: «Je n'ai jamais vu un masque sur un visage sans être tenté de l'arracher...»

Reporter X

como ensaio, na escola inglesa de espionagem. Isto sem contar, evidentemente, os cursos de desenho especial, o manejo de maquinas electricas ultra-mi-núsculas e a arte da caracterização e disfarce.

Eis um curso, uma carreira completa, leitores tanto, que nada tem de estranho que aqueles que a cursam sejam os melhores soldados «da guerra de cerebros» que ha permanentemente no mundo.

Reporter X

# HOMENS & FACTOS DO DIA

Conclusão da Pagina 4

«—Foi durante a Guerra. Ao mesmo tempo que eu «advinhava», Charlot atravez os seus primeiros «films» éle «advinha-me» atravez um romance meu, publicado em inglez e escrito especialmente para «Vanity Fair» — romance de memórias minhas sobre uma viagem a New-York... onde eu nunca estive. As nossas primeiras cartas, felicitando-nos mutuamente e elogiando as respectivas artes, cruzaram-se no caminho. Uma verdadeira coincidência de admirável máta e espontânea. Mas só nos conhecemos pessoalmente em 1921. Uma manhã abri um jornal e li que Charlot, chegara na vespera a Paris; e ao defrontar-se com a multidão que o aguardava numa verdadeira epilepsia de fãntismo a primeira coisa que perguntara, em silés

beros, fora... «Cam! Onde está Cam? Então Cami não veio? Corri ao hotel Claridge onde éle se hospedou. Na ante-câmara eram fleitras e fleitras cerradas de reporter, fotografos, operadores cinematográficos. Ao meio dia appareceu um secretário e disse: «O sr. Chaplin só recebe o sr. Cam!» Ele tinha a certeza que eu havia de «estar ali... e estava. Abracamo-nos comovidamente. Mas o nosso grande supplicio durante oito dias que o acompanhei p.r. toda a parte (Charlot não queria perder me nem um minuto) foi o de eu não perceber uma palavra de ingles nem: ele uma de fruncés. Calcule... tantas coisas a dizer, a comunicar, a desabafar um ao outro — e termos de nos servir de um intérprete para lhe perguntar até: «Passou bôo noite? Mas isto de forma alguma esfriou a nossa amizade.»

Camí, é bem o Charlot do humorismo literário como Charlot é o Cami da arte cinematográfica. Todos nós, os que crecemos, temos conscientemente ou sub conscientemente um modelo que nos guia — e muitas vezes em campos tão

longínquos que difficilmente se compreende a mecânica dessa suggestão. O grande actor Vilches disse algures que esse seu modelo — era D. Quixote. Porque? Em elle próprio o saberia delinir. Para Dumas pai — era um desenhador dessas imagens e historietas li stradas para crianças que depois de formarem a riquessa d'Espinal Goya, surdo, buscava a sua inspiração baseando pelo bairro chalo de Lavapiés e aspirando pelas carnosas narinas os odores fortes e plebeus que empavava a atmosfera. Wagner e Mozart — dois compositores r. áximos, recebiam os seus «modelos» directamente da natureza: o primeiro — dos dias de intemperie; o segundo com a apoteose eléctrica das trovoadas e relmpagos... Por mim, que me recorde, o meu único modelo, foi o meu grande Sonho... Sonhei um dia comigo próprio... mas como succede sempre nos sonhos — quando acordel, não me encontréi...

Reporter X



# GRANDE HOTEL DA BATALHA

Manuel Ferraz & C.ª L.ª

PRAÇA DA BATALHA

COMPLETAMENTE RENOVADO

HIGIENE E CONFORTO

PORO

Magníficas instalações

Serviço de mesa primoroso

ESPLENDIDA SALA DE JANTAR

TELEFONE. 247

## Manoel Joaquim Barbosa

PAPEIS, ARTIGOS  
GRAFICOS, COMISSÕES E  
CONTA PROPRIA

TELEFONE, 5939

Rua da Picaria, — 37 P O R T O

## Visite V. Ex.ª

### Hotel Restaurant Pinto Bessa

Rua da Estação, 66-PORTO-Tel. 4524  
Instalações modernas—Quartos com todo o  
conforto e higiene—Quarto de banho em to-  
dos os andares—Permanente serviço de res-  
taurante—Preços modicos—Visitação é  
preferível—  
Proprietario LUIZ CORREIA.

## Café Concerto Primavera

Travessa da Picaria, 28  
O maior Salão Danç. do Porto.  
Todas as noites novas variedades  
"soirées"

SERVIÇO DE RESTAURANTE E GABINETES  
ABERTO TODA A NOITE

## CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES

DE PREDIOS

Especialidades em pintura

**A. R. Carvalho**

Construtor civil diplomado

Rua da Picaria, 8—PORTO

## Visitar a Rainha das Meias

é preferida pelas suas  
últimas novidades

Angulo das Ruas

S.ªta CATARINA PORTO  
e FORMOSA Telefone, 67

## Victoria Café

P. Guilherme Gomes Fernandes, 66  
**BAR**

Galeria de Paris, 109—PORTO  
mais confortável  
mais completo  
mais higienico

Grande exito de todas as noites  
Fados pela contratriz LEONOR  
FIALHO

Explendidos salões de Jogos, Billar e  
e Ping Pong

Pequenos almoços, Lanches

Comentarios todos os dias das 24 horas  
em diante

## Nicolau Ferraz

HESPAÑHA

FRANÇA

BRASIL

E

AMERICA DO NORTE

AGENTE NO NORTE

da United States Lines

Telefone, 762

Rua do Loureiro, 60, 62—PORTO



E' caro? E'! Mas no  
**ESCONDIDINHO**  
Come-se, porque o  
**ESCONDIDINHO**  
é quem melhor serve.

A sua cozinha, os seus me-  
nús, os seus serviços, os seus  
talheres, os seus vinhos são  
celebres e não tem rival.

Rua Passos Manuel—Porto



Sequer adquirir um gramofone não compre da primeira marca que lhe apresentem

Discos portugueses de: VIANA  
DA MOTA, e iminentes pianista,  
e de CARVALHO OLIVEIRA,  
o roaixi do norte

EXIJA a audição de um disco  
Escolha a sua vontade

As ultimas novidades em  
discos semanalmente

Pathé — a grande marca — Pathé

recebidos de PARIS

Avenida da Liberdade, 141.º—LISBOA  
Telefone, 3678

CASTELO LOPES L.ª DA Rua das Fontainhas, 2070—PORTO  
Telefon, 2004

## MAQUINAS FOTOGRAFICAS

DANIEL AUGUSTO BENTO  
A pagamentos semanais de 10900  
com 24 parcelas para Lista de

FOTO-ESTRELA POLAR

82-Rua de Santa Catarina-84

TELEFONE, 2158 PORTO

## Bazar Electro Fotografico

Rua do Passos Manuel, 12

Artigos  
fotograficos

## VIZITE O CLUB RITM

R. Fernandes Tomaz, 817  
PORTO

Explendida orquestra "ZAZZ"

"A CANÇÃO NACIONAL" pelos mais  
afamados CANTORES do PORTO  
e LISBOA

Motifedade de preços

## V. Ex.ª

Des ja comprar barato?  
Elegante? Na ultima moda?  
EXPERIMENTE E VERAI!  
SAPATARIA LAGES  
Rua Santo Ildefonso, 20—PORTO

## DR. V LAS BOAS NET

Doenças de pele e sifilíticas  
RUA FORMOSA, 173—PORTO

## SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos

PREÇO 1800

Há venda em todas as Drogarias

## SELHO DA COSTA

AGENTE OFICIAL

trata de todos os documentos e tira  
passaportes para o Brazil, França  
etc, e vende passagens em to-  
das as classes tanto para

embicar em Leixões

como em Lisboa

Escrever ou falar para a

RUA CHÁ, 129-132—PORTO

TELEFONE) Agência 1412  
Residência 2187

## "GARANTIA"

COMPANHIA DE 93 UROS  
(fundada em 1888)

Capital integ. alizado Esc. 1.900,00\*800  
Reservas em 31 de Dez. mbo de 1927  
Esc. 6.611.30353

Os segurados da "GARANTIA" devem ter  
sempre em vista que, se a dita Com-  
panhia lhes pode oferecer maiores vantagens:  
o seguro de vida obedece á matemática e  
é esta a sua sé. O que os segurados de-  
vem exigir é idoneidade da Companhia, e  
neste ponto, a "GARANTIA" tem a es-  
cudida a sua pastagem.

SE DE

Rua Ferreira Borges, 31—PORTO  
(servicio proprio)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praca da Liberdade, 13 e 14

Casa Banuario Souza, Cruz.ª C.ª, L.ª do

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Juliao, 68 a 71  
(servicio proprio)

## AGENCIA "A PORTUENSE"

(Das mais antigas de Portugal)

Passagens e Passaportes

Honestidade e competencial

Forneca-se todos os esclare-  
cimentos por correspondencia,  
aquem os pedir

Telefone, 1203

Rua do Corpo da Guarda, 15

PORTO

## Escudos 3500

20 SEMANAS

Os melhores e mais chicos

Cahpeus a prestações com bo

Inscriva-se já para esta semana

apresentação ou conheci

terá um bom chapéu

no acto da inscrição

Chapalaria Portel

Telefone 1778

Praça dos Poveiros, 80-PORTO